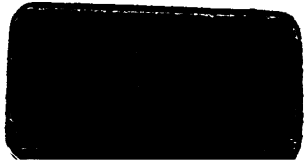
3 3433 07437856 7



NQG
Collecc3

√3
NGG
Collocao.

# COLLECÇÃO

DE

# POESIAS INEDITAS

DOS

# MELHORES AUTHORES PORTUGUEZES.

## TOMO III.

LISBOA 1811.

Na Offic. de Joaquim Rodrigue d'Andrade.

*Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.*

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
321229B
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
B 1945 L

# DITHYRAMBO.

*Quo me, Bacche, rapis tui*
*Plenum? quæ in nemora, aut quos agor in specus*
*Velox mente nova?...*
Horat. Lib. III. Od. XXV. v. 1.

*Ludentis speciem dabit, et torquebitur, ...*
Horat. Epist. L. II. ep. XII. vers. 124.

ESte, que hoje tocar ouzado intento,
O' Pastores da Arcadia,
Thyrsigero instrumento, (malo,
Que primeiro em minhas mãos sôa no Me-
(E talvez espantado, o vulgo escute)
Que hum furor desuzado me inspira,
Que me accende, me eleva, e transporta
A minha não he ouzada Lyra,
Que nas azas suspenso deixa o vento,
Mas a que Arion pulsava

Quando Bromio cantava, (1)
Ou aquella de Redi afamado,
Que soltando a voz soberana
Fez entrar Baccho em Toscana
Das Bistonides cercado,
E do Arno flórido nas frescas ribeiras
Os thyrsos vibrando saltarem ligeiras.
Mas já sinto bramar-me de em torno
O rouco alarido de sistros e vozes;
Evohé resoão do Menalo as grutas,
Evohé repetem as Melies ferozes;
Sim he prezente o grão Nume,
O filho de Jove imberbe
Que meu peito com seu lume
Me inflama, me atiça me abrazá.
Tragão-me vinho do turvo Doiro
Seja tinto, ou seja loiro
Que a grão sede,
Em que me accendo
Nelle pertendo
Hoje apagar.
Eu empunho hum grande copo,
E ligeiro alsando o braço
Este que faço
Brindes suave,
Pastores da Arcadia,
A vós que primeiro

(1) Bromio, cognome de Bacho.

Da prisca Roma
Da antiga Grecia
As desprezadas
Naturaes graças
Do Tejo ás margens
Trazer ouzastes.
A vós, que primeiro
As silvas cegando
Que o Luzo Parnazo cobrião,
E de agudos abrólhos encrião
O grande caminho tracastes,
Que hoje depois seguirão gloriozos
Outros novos espiritos famozos,
Arando o mesmo agro
A vós o consagro.
Oh! cepa venturoza, que produzes
Licor tão saborozo
De teus rámos, se a ideia me não mente,
C'roa o vermelho Bromio a intonsa frente.
No Estio calorozo, (ma,
Quando Sirio (2) ladrando a terra inflam-
Nunca do ardente Clario as claras luzes
Crestem as tuas ramas;
Ou densa nevoa em flor teu fruto opprima;
Nunca o maligno cupro em tuas vides
O roaz dente imprima.

(2) Sirio huma das estrelas que formão a constellação da Canicula.

Outra vez torno a encher o grande vazo;
Caros Pastores,
E em honra vossa
Outra vez com a mesma graça o vazo,
O' vinho generozo,
Por ti sinto elevar-se o meu espirito;
Ah se me irrito
Com esta lança
Derribarei por terra
A soberba Inglaterra,
A inconstante França.
Oh se eu me via
Nas montanhas de Thracia
C' huma mistica audacia
Na Bacchanal Orgia (3)
Hum thyrso florecendo!
Que não faria!
Que não diria!
A voz levantando
Assim cantaria.
Triunfo, victoria
Cantemos de Bacho
O louvor, e a gloria
De Bacho que alenta
Os membros cansados,
De Bacho que aumenta
Da formoza Venus a graça, a beleza;

(3) Orgias, festas em honra de Bacho.

De Bacho que afasta de nós a tristeza.
Porem que ave estranha nadando nos ares
Estende humas vezes, outras veres cerra
As compridas azas! Ah já chega á terra
Oh pasmo oh portento! oh nunca visto cazo!
Este he, ó Pastores, o gentil Pegazo!
Apollo brilhante, se em tal não te afronto
Com tua licença, sobre elle me monto,
Eis já pelos ares me leva voando
Ao monte dificil do Sacro Parnazo
Que nôvo me abraza Sacrosanto Lume
Poeta me sinto Poeta famozo,
E as plantas estampo no partido cume. (4)
Que fontes de vinho espumozo!
Que ulmeiros de vides cingidos!
Que doce armonia
Me fere os ouvidos!
Ah não he este o cume Sagrado
Ao Loiro Febo;
Mas ao mitrado, brincão mancebo
Que o thyrso empunhando,
Os Reinos da Aurora
Em viva guerra foi devastando.

(4) Do Parnaso fabulárão os antigos que tinha dois cumes, donde lhe vem o epiteto de bipartido hum consagrado a Apollo, outro a Bacho.

Debaixo das heras deitado,
Dos Bailes, das Graças cercado,
Hum frasco de vinho brilhante
Chega rizonho á meli-flua boca.
Em quanto Cupido
A lyra lhe toca
O suave Anacreonte, (5)
O borracho Cratino, (6)
Que delle está defronte,
Hum copo purpurino
De vinho generoso
Da fabuloza Creta
Servendo está gostoso;
E o Poeta gentil do antigo Lacio

---

(5) Anacreonte, famoso poeta entre os Gregos que foi, ou se fingio em suas obras muito amigo do vinho.

(6) Cratino celebre poeta da antiga comedia, e tão apaixonado pelo vinho que afirmava que sem elle se não podião fazer bons versos.

Prisco si credis, Mæcenas docte, Cratino,
Nulla placere diu, nec vivere carmina possunt, &c.
Quæ scribuntur aquæ potoribus.
*Hor. lib. 1. Epist. 19. v. 1.*

Ennio famoso (7)
Rude na arte, no engenho poderoso
N'hum odre está sentado,
E ao pé delle deitado
O grande Horacio (8)
O Cisne Venuzino.
Oh Coro divino
De Apollo sagrado
As grandes infuzas,
Em louvor das Muzas,
Nesta fonte enchamos,
E ledos bebamos.
As filhas cantemos
De Jove Sagrado,

---

(7) Ennio, natural da Calabria, e hum dos mais antigos poetas entre os Romanos segundo Horacio tinha huma forte paixão pelo vinho.

Ennius ipse pater nunquam nisi potus ad arma
Prosiluit dicenda. (Carm
*Hor. L. II. Epist. 19. v. 7.*

(8) Ninguem ignora que este poeta se inculca em suas obras por muito amante do vinho, ou porque na verdade o fosse, ou por mais fielmente imitar os Gregos, que em muitas partes copiou.

E de seus alumnos
Em honra e louvor
Qualquer de nós prove
Do duce licôr.
Ora sus: levantai-vos em pé
E clamai sem cessar Evohé;
Em quanto prostrado com tremula mão
Encho ebrifestivo hum grande cangerão.
Tu que cantando do grande Gama (9),
Fizeste eterna no mundo a fama
Sempre famozo,
Ou com as trompas
Os ares rompas,
Ou dos amores
A doce pena
Que o Ceo te ordena
Cantes saudozo
Na branda Lyra
Ou rude avena
Entre os Pastores,
Tu em meus versos benigno inspira
De tuas vozes o grato accento,
E em quanto respeitozo a mente inclino
Dobro o joelho e o grande vazo empino.
Esta de roxo vinho taça cheia,
Sangue expremido da gentil parreira.

(9) Luiz de Camões no seu poema os Lusiadas.

Consagrala pretendo ao bom Ferreira, (10)
Ferreira illustre
Que por modos diversos
Ou deu versos ás leis, ou leis aos versos,
Ferreira que assombrando a culta Athenas
Calça o cothurno ás Tagicas Camenas,
E na lyra sonora e sem campestre
He dos nossos pastores sabio mestre.
Tragão-me hum copo já de branco vinho
De liquidos topazios fino orvalho
Com que brindar pretendo ao bom Manu-
Ante os meus olhos (nho. (11)
A todo o instante
Tenho prezente
Da bella Zara
O sonipede ardente
Que o freio mastigando em branca escuma
Pelas ventas abertas sopra, e fuma,
E com o pezo
Da Ninfa bella
Se embrida mais, e altera.
A mesma Ninfa
Sobre elle vejo
A manga a meio braço recolhida,

(10) Antonio Ferreira.
(11) Vasco Mosinho de Quevedo e Castellobranco, no seu poema que intitulou Affonso Africano.

E a trança de oiro
Aos ventos espargida,
Qual Harpalice
Que ao longo do Hebro
O ginete lançando
A' rapida carreira
Que o veloz vento corre mais ligeira;
Elle ferindo a magestoza Cythara,
C'o plectro soberano
Fez eterno no mundo o Africano:
E eu de seu nome em honra agora vazo
Este odorifumante cheio vazo.
Este que agora empunho
Nesta taça
Derretido rubim,
Este sim
A ti bebo, suavissimo Bernardes, (12)
Que nas frescas manhãs serenas tardes,
A' sombra d'altas arvores soltando
Doces queixas de amor em doce rima
Tão celebre tens feito o manso Lima.
Más onde ficas tu, claro Ribeiro,
Tu que primeiro
No Luzo campo as camas ajuntaste
E imitar o Deos Pan cantando ouzaste?
Este pois vinho cheirozo
Saborozo

(12) Diogo Bernardes.

Generozo,
Da Madeira
Aqui vindo
Para os brodios
De Leneu,
Racemi-fero
Porta-thyrso
Rompe-terra
A ti brindo.
Ati mas sinto, sinto
Apolo que enfadado já me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao douto Sá Miranda: (13)
Ninfas do Aonio coro
Vêde que em o fazer me não demóro.
Outro brindo em continente
Até ver-lhe o centro óco
A ti grande Gil Vicente,
Que calsando o humilde sôco
Deixar fazes em silencio
Eupolis, e Plauto, Menandro, e Terencio.
Venha vinho, venha á pressa
Que brindar quero tres vezes
Ao illustre Sá Menezes;
Inda agora o manso Lessa
Com as Nynfas vai dançando
De teus versos ao som brando,

(13) Francisco de Sá de Miranda.

De seus bosques na espessura
Inda o tom suave dura,
Inda o eco pelas grutas
O repete vezes muitas.
D'outro illustre Sá Menezes (14)
A grão fama me convida
A beber
A louvar
A cantar
Sua gloria aos Ceos subida.
Quantas vezes
De Thitonia o triste fado,
Em seus versos celebrado,
Tem regado
De sentido
Pranto amargo
Na doirada
Chersoneso
As fulas filhas da Aurora esmaltada.
Quantas vezes
Fulminar estou vendo em seu canto
De Albuquerque terrivel a dextra
O povo infido da fera Malaca.
Ora pois em teu applauzo
De bom vinho muscatel
Febo inteiro hum grando vazo.

(14) Francisco de Sa e Menezes no seu poema = Malaca conquistada.

Esse vinho que brilha
Nessa vasilha
Que vinho he?
Se não me engano,
Vinho he do Porto
Que nosso Bacho
Para conforto,
Quando está fraco;
Costuma uzar:
Enchão-me pois
Desse liquido pyropo
Todo este copo;
Que inteiro quero
Bebelo em honra
Do grande Andrade:
De ti Andrade
Agora fallo
Que de todos o primeiro,
De Verona o Cisne imitando,
Entre nós graciozo derramas
Os curtos mais picantes epigrammas.
Só te vejo nesta estrada,
Mas seguirte a mim me agrada;
E entre tanto de vinho o copo arrazo,
E em louvor de teu nome já o vazo.
Outro vá igual
Ao Corte Real.
Que ao Montemaior
Não hei-de brindar:

Guarde lá sua Diana
Para a gente Castelhana;
Se escrevêra em Portuguez
O brindára desta vez;
Mas deixar o doce, e puro
Abundante
Elegante
E' brilhante
Idioma Luzitano
Não o soffro nem aturo,
Nem Apollo aturaria,
Porque bem que costumado
A soltar sua harmonia
Na riquissima Argiva lingoagem,
(Que de todas as mais tem a vantagem)
Na Latina, e Italiana,
Quando falla a Luzitana,
E no Pindo nella canta
Da Memoria as filhas encanta.
Mas ah que já esqueciame
Do rozado oriente a joia a perola
Tu Fernando belligero, (15)
Que a lança e a cythara
Vibrando intrepido
Tocando armonico
D' altas palmas á sombra a voz alçaste,

(15) Fernão d'Alvares do Oriente na Lusitania transformada.

E a clara Luzitania transformaste;
Com este vinho
Da cuba vindo
Eu já te brindo.
Mas hum novo brinde agora me chama
Silencio, silencio que Febo me inspira
Oh tu Candido divino, (16)
Cujo nome cuja fama
Pelo mundo se derrama,
O Pastor da Arcadia Elpino,
Que as leis soberanas que dictas recebe
Hum copo brilhante
De vinho fumante
De vinho cheirozo
Em torno saltando já bebe gostozo.
Outra vez a voz levanto
E com ella hum odre, e digo
A ti, Foyos doce amigo,
Que nos enches de alegria
Com teu canto
De soberba malvagia,
Mais que caia aqui de bôrco,
Esta grande pelle emborco.
As correntes
De Hippocrene
Se turbarão,

(16) Candido Lusitano na traducção da Arte poetica de Horacio.

E confuzas
Com o susto as ternas Muzas
Da mão as lyras deixárão,
E o intonso auricrinito
Portalyra ledo Apollo
Arrancando o verde loiro
Que a cabeça lhe c'roava
Pela terra o arrojava,
E n'hum teixo a lyra de oiro,
Que pendente tinha ao collo,
Pendurou,
Quando a fama publicou
Que a maligna
Libitina
Contra ti da fouce armado
Tinha o braço levantado
Mas na Arcadia inda maiores
Desconcertos se observárão
De repente se murchárão
Do Erimanto nas margens as flores,
E no Menalo os verdes pinheiros
Quais se fossèm de raios tocados
Quasi todos se virão crestados
As ribeiras sem chuvas crescêrão
O campo inundárão,
As vinhas perdêrão,
Perdêrão-se os gados,
Morrêrão os rafeiros,
E como assombrados

Os tristes pastores
Nem lutas tivérão
Nem versos cantárão.
O mesmo Sileno
Na gruta mettido se via sósinho, (nho.
Sem molhar os beiços n'hum frasco de vi-
Mas depois que a bella Hygia, (17)
Dom de Jove o mais preciozo
Do Ceo veio, e estendendo
Sobre ti as puras azas
Fez fugir a descarnada
Macilenta morte feia
Os campos brotárão mil cheirozas flores,
E a formoza Cythereia
Rodeada dos Amores
Com as nuas Graças, e verdes Napeas (18)
Alegres choreias
Formárão ligeiras.
Ornámos de rozas as nossas monteiras
E o velho Caprino
Saltando de gosto
No campo, vermelho
E tinto de amores o pelludo rosto
Da forte agoardente

(17) Hygia, ou Hygea, filha de Esculapio, foi adorada como Deoza da saude.

(18) Napeas, Ninfas que presidião aos prados, e aos bosques.

A' tua saude
Já bebe contente
De hum trago hum almude,
Amigos, toquemos
Bebamos cantemos
O nome de Foyos,
A Foyos louvemos
Com raros encomios.
O seu grande nome
De Evio (19) Brisseo (20)
Do bom Bassareo (21)
A's orelhas alegres levemos.

*Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

---

(19) Evio, hum dos appellidos de Bacho.

(20) Brisseo, sobrenome de Bacho tomado da invenção que se lhe attribue de pizar os cachos para se expremer o vinho.

(21) Bassareo, appellido de Bacho; parece que a significação desta palavra he vendimidor, e por isso a acomodão a Bacho.

# PROTHEO

## IDILIO.

JUnto de Elizia jaz huma ampla gruta
Que o flavo Tejo carcomeo lambendo;
No seio da polida negra rocha
Sobre brancas colunas se sustenta
Recamadas de mil pintadas conchas:
E do musgozo tecto argenteas linfas
Resumbrão gotejando pelas fendas.
Aqui, onde sestear Protheo costuma
Rodeado das Focas somnolentas,
Entrão n'hum dia ameno, quando Febo
Pelo estrelado cinto ragirando
O Capeiro celeste vizitava,
Chorozas, macilentas, desgrenhadas
A candida Lagéa, a loura Algida,
A ligeira Mirtila, a linda Undelia,
Licores, Nesse, e a boqui-rubra Olminda
Todas Ninfas das fontes, e ribeiros

Que c' os seus cabedaes o Tejo engrossão;
Levão por socios Pampinalbo, e Elonio
Ambos mancebos, ambos vigorozos
Que houve de hum Fauno a airosa Limozina.
Altamente lhes dóe no intimo peito
A assolação, a atroz carnificina
Que desde longos tempos fazer vião
De armentíos, de uberrimas searas,
E dos de Lizia honrados pegureiros
A hum monstro o mais voraz, e sanguinozo
Que o Tartaro arrojára á luz do dia,
Por permissão da colera celeste.
Movidas desta magoa as tristes Ninfas
Do fatidico Velho saber querem
O suspirado fim de tantos males.
Já Pyrocis, e Eóo, o Solar Coche
Ao mais alto dos Ceos rodado tinhão,
Quando assomar ao longe vê Elonio
O escamozo rebanho sobre os mares,
Do vidente Protheo pastoreado.
Escondamo-nos, disse. Logo todos
Se acolhem aos recantos, e escondrigios
Que assombrão a caverna sinuoza.
Não acabavão, eis que abica á praia
O bando nadador; parte festivo
Abalançando-se á região não sua
Com todo o humido corpo fóra d'agoa
Rompe ao cahir do mar a crespa face
C' o espumante marulho que ergue ao alto,

Parte sorvendo as cerulas correntes
Pelas redondas ventas as repuchão
Deixando apenas entrever o Vate
Pelos que formão no ar curvados Iris;
Segue-as o Deos de murmurantes ondas
Cercado o gazeo Cairo, de que tirão
Os auri-verdes bipedes cavalos.
Já descido do carro demandára
O marinho Pastor a amena gruta
Quando sentado em laje alta, e musgoza
Apenas conta as rebanhadas Focas
Inclina á dextra a face, os olhos cerra,
Nisto seguidos das medrozas Ninfas
Manso e manso os mancebos se encaminhão
Para o dormente Numne; de improvizo
Com validas prizões o cingem todo:
Mas elle assim que estremecendo acorda,
Não deslembrado das antigas artes
Na aspera pelle irrisa hirsutas cerdas,
E feroz Javali olhi-fogozo
A fumegante tromba arreganhando
Mostra o talhante aduncо navalhado:
Ora alongando o corpo verde-negro
Drago escamozo de sanguinea crista
Vibra entre silvos a trisulca lingua,
E o collo entumecido, e o peito immundo
Sobre as pungentes asas no ar librando
Fixa no chão o ventre maculozo,
E em immensos anneis a cauda enrosca;

Salve aurea Astréa, vem ó suspirada
Salutar primogenita de Jove,
Corta com esse ferro as capciozas
Inextricaveis redes com que a fraude,
Uzurpando até aqui teu santo nome,
Os Luzos enleava para serem
Facil preza da perfida violencia.
Rompe, honrado colono, alegre o seio
Da mãi commum com o fecundo arado,
Do fruto gozarás dos teus suores.
Não verás (scena horrenda) as mãos rapaces
De inhumanos lictores, vis ministros
Da sedenta avareza insaciavel
Arrancarem da boca aos teus filhinhos
O escasso pão de lagrimas banhado;
Quando o outro, recem-nascido infante
Lida em vão por achar nos [illegible]
Da mãi desfalecida o vital su[illegible]
Tu cidadão activo, e industrioso
Exerce em paz a creadora mente
Em inventos futís, uteis á Patria;
Ella coroará os teus disvelos
Com devido louvor, devido premio.
Não mais receies que a mirrada inveja,
Ou que a calumnia atróz, e sanguinosa
D'entre os braços da espoza te arrebatem,
Para enterrar-te em lugubre masmorra
Donde foge de horror a luz do dia,
Sem ter para os teus males mais alivio

Que o feio som de ferros retinintes ;
Que o surdo uivo de mil dezesperados
Tristes socios da tua desventura.
Não mais a teu pezar de Africa adusta
Verás o mal são clima onde respiras
O pestilente ar que exhala a morte,
Cercado de falantes esqueletos.
Eia, ditozos Lúzos, lançai d'alma
Esses terrores vãos : desce ao Averno
A violencia horrifica acurvada
De mil execrações que os Ceos ouvirão.
Já a vossa Reinante os grilhões quebra
Ao bem publico, ao publico socego
Com que o vil interesse os sopeára :
Isto vos jura aquella Ninfa linda
Que vejo á dextra da severa Astréa (1)
Chamada dos mortaes áurea Clemencia,
E dos Deozes gentil Humanidade.
Como indulgente compassiva, e affavel
Com igualdade acolhe o rico, e o pobre !
Já do vasto regaço sinuozo,
Em que tomadas tem as aureas roupas,
Mil, e mil bens tirando que derrama,
Com mão profuza sobre as tristes gentes ;
Já adoçando o animo indignado
Da optima Justiça ; e inda ás vezes
No ar lhe prende a dextra temeroza.

(1) Astréa, filha de Jupiter, e de Themis.

Mas que Matrona de rizonho gesto
C'roada de oliveira baixa á terra
Co' a fecunda Amalthea em rozea nuve?
Ah como foge, mal ao longe a avista,
A discordia feroz angui-comada
Precursora de Marte truculenta:
Eilo em pé se ergue, eis todo debruçado
C'o torcido estalante açoute insta
Sobre as fogozas remendadas Pias
Que a carroça belligera arrebatão,
Fumando pelos humidos pescoços,
Já já transpõem as raias Luzitanas
Entre as palidas nuvens polvorozas.
Que em torno as rodas fervidas levantão.
Mas que vejo: Eis o esqualido Gradivo (2)
Subito pára os lassos corredores,
E para traz volvendo os torvos olhos,
Que se arrazão de lagrimas saivozas,
Contempla (ingrata vista) as ricas messes
De assolações, de mortes, de ruinas,
Que co' a ambição traidora semeára,
Prematuras cahir por terra murchas.
Mas deixemo-lo em vão raivar bramindo:
Olhemos fito a fito a Paz divina:
Oh Ninfas acatai a Deoza augusta.

(2) Gradivo sobrenome de Marte em tempo de guerra assim como tinha o de Quirino no tempo de paz.

Maria carinhoza, Mãi dos Luzos
A faz descer da Empirica morada.
Aonde quer que ella volva o alvo gesto
Os viçozos vergeis se desentranhão
Em esmaltados pomos saborozos
Em arrateias mil Ceres fla eja. (3)
E entre os colmos das gravidas espigas
Os brincões sur los Zefi.os cicião. (4)
Vêde os outeiros verdejar ao longe
Co' as cepas acurvadas de aureos cachos;
E nos floridos vales ruminando
Fervem rebanhos, pulão armentios;
Em quanto á sombra das annozas selvas
Que novas pompas pelo ar déstoucão,
Ou acolhidos nas sagradas grutas
Onde borbulhão fontes cristalinas
Sentados sobre a relva os pegureiros
Com as singelas serranas modulando
Ao som da avena em versos alternados
Sobem ao Ceo com candidos louvores
Os caros nomes de Maria, e Pedro
Seu Espozo feliz só digno della.

(3) Ceres filha de Saturno, e de Cybele, e Deosa da agricultura.

(4) Zefiro vento do Occidente, e hum dos quatro principaes. Era filha de Eolo, e de Aurora.

Silencio : Eu ouço na festiva aldeia ;
Em roda dos thuricremos Altares
De devotos festões, de intactas flores,
E de pias verbenas adornados
Dos curvos anciãos a voz tremente.
E a dos tenros meninos grata aos Numes,
Com votos, com ardentes rogativas
Mil bens, mil bençãos para o Luzo Throno.
Calou se aqui Protheo : soltãe-no os Faunos,
Sahe da caverna, e esconde se de hum salto
No prateado seio de Amphitrite. (1)
Remoinha sobre elle o salso argento,
E em borbutões de escuma em torno ferve.
Partem todos dalli alvoroçados ;
E nos brancos salgueiros que se espelhão
Nas suas mansas agoas, logo as Ninfas
Os fatidicos versos entalhárão.

*Domingos Maximiano Torres.*

(1) Amphitrite filha do Occeano e de Doris, Deoza do mar, e mulher de Neptuno.

## QUADRA.

Em mim se achão dois extremos
Deficeis de se encontrar,
Sentir, e não o dizer;
Padecer, não o mostrar.

## GLOSA.

I.

EU não sei que sinto agora
No meu terno coração;
Huma certa inquietação
Que me abraza, e me devora:
Por vêr se achamos melhora,
Meu coração, conversemos
Entre nós, talvez que achemos
A cauza do sentimento;
Porém não, que do tormento
Em mim se achão dois extremos.

II.

Sinto o damno, e a cauza vejo
Do meu triste padecer;
Porém não posso dizer
O que me pede o dezejo:
Vacilante não elejo
O que devo nisto obrar:
Soffrer, sentir, e calar,
Que assim mo dicta a razão;
Pois outros remedios são
Deficeis de se encontrar.

III.

Silencio, meu coração,
Com meu pranto te suffoca,
Que esta dor, que nos provoca
Tão digna de compaixão,
Man a a virtude, e a razão
Quedmuda a devo sofrer:
Falar não; antes morrer;
Que este he hum dos dois extremos,
Coração, em que nos vemos,
Sentir, e não o dizer.

IV.

Aos outros he permittido
Descobrir o peito afflicto;
Em mim seria hum delicto
Exalar hum só gemido.
O mesmo Ceo offendido
Me podia castigar;
Por isso, nem a falar,
Nem a suspirar me atrevo:
Que em tal extremo só devo
Padecer, não o mostrar.

# A AFFONSO DE ALBUQUERQUE

## ODE.

### I.

ONde, Musa, me levas inflamado?
Onde me guia teu furor divino?
Em transportes de gosto arrebatado,
A curva lira afino.
D'Africa vejo os asperos lugares,
Vejo rasgados nunca vistos mares.

### II.

Ondeando as Reaes altas bandeiras
Vê o assustado Ganges, treme a terra
C'o rouco som das tubas pregoeiras
Da turbulenta guerra;
Eis que medroso ouvindo o oriente
Treme assustado o Samorim potente.

III.

Em denso fumo envolto ardendo em ira
Vomita o bronze a sibilante bala,
O triste horror por toda a parte gira,
Altos muros escala
O invicto Affonso, e os Naires belicosos
Do largo ferro fogem temerosos.

IV.

Parte da negra barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabeludo
Lhe ondea, com a vista enfurecida
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada,
Asia já mostra a face ensanguentada.

V.

D'entre espessos barbaros alfanges
Vejo arrancar os loiros vencedores;
Fogem cortadas, timidas falanges.
D'entre mortaes clamores,
Do guerreiro Albuquerque nome, e gloria
Vejo subir ao templo da memoria.

VI.

Volta o grande Orfação o rosto irado,
A guerreira Cidade vejo afflicta
Cahir sobre seu sangue derramado,
Domada a furia invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O colo offerece á aspera corrente.

VII.

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos exulados,
Pernas, e braços inda palpitantes,
Nos mares descorados.
Guerra, guerra já oiço em toda a parte
Bradando irado o Lusitano Marte.

VIII.

A tragadora chama crepitante,
Sobre as azas do fumo suspendida,
Sóbe a lamber os ares vacilante,
Mas cae enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro effeito
Volve no immundo pó o afflicto peito.

IX.

Já triste sobre as cinzas assentada
No meio dos temores, e agonias
C'o a fria mão na face ensanguentada
Chora os passados dias,
Ouvindo entre o rancor, o medo, e o susto
Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

X.

O rico Ganges forte, e celebrado
Detem hum pouco a tumida corrente,
Eu o vejo entre sustos descorado
Chegar obediente,
Com vacilantes passos duvidoso
A vencedora mão beijar medroso.

XI.

A decantada Ormuz sempre guerreira,
Goa, Pangim, Malaca belicosas
Turbadas cedem pela vez primeira
A' espada furiosa,
E sobre seus estragos, e ruinas
Tremolar vejo as vencedoras Quinas.

## XII.

O' guerreiro Albuquerque, a vossa historia,
Por mais que corra a tragadora idade,
D'Africa espanto, de Lusitania gloria
Vive na eternidade,
E o vosso nome no Sagrado Templo
Aos futuros Heroes sirva de exemplo.

*João Ignacio da Silva Alvarenga.*

## SONETO.

JÁ, Marilia cruel, me não maltrata
Saber, que uzas comigo de cautellas,
Que inda te espero ver, por cauza dellas,
Arrependida de ter sido ingrata:

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixaráõ de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'ouro converter-se em prata.

Pois se sabes, que a tua formuzura
Por força ha de soffrer da idade os damnos;
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os dezenganos,
Gozemo-nos agora em quanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

*José Basilio da Gama.*

# SONETO.

Temão embora a morte os que aferrados
Aos grossos cabedaes, que possuião
Nunca tão de repente prezumião,
Que lhes fossem das mãos arrebatados.

Sintão deixar cedo a vida os começados
Muros d'altos palacios, que erigião
A cara esposa, os filhos, que crescião,
Os brandos leitos, os tremós dourados.

Que eu sem bens, e sem casa, vagabundo,
Mal coberto co' manto da indigencia
Já não temo da morte o horror profundo.

No que me tira não me faz violencia
Que o melhor modo de sahir do Mundo
He cheio, ou de mizeria, ou de innocencia.

*O mesmo.*

# CANÇÃO

## O CIUME.

Sombria soledade, noite escura
Ouvi os meus queixumes:
Oh praza ao Ceo que o Sol nunca nascesse;
Emquanto me durasse esta amargura!
Zelos crueis, mortiferos ciumes,
Ralai meu coração, que amor padece.
Fartai-vos de huma vez, eis, eis meu peito?
Eu vo-lo entrego ás garras satisfeito.

Dilacerai-o, não vos volto o rosto.
Não me intimida a morte;
Não me horrorizão, não, seus largos passos,
Que he mais feia do que ella o meu desgosto:
Venha a cruel, separe de hum só córte
Estes da vida desgraçados laços;
Que para aquelle, que não tem ventura
He melhor; do que a vida, a sepultura.

Tristes Manes, do Bárathro profundo,
Eu sou comvosco logo:
Quero vêr se no Averno ha mór tormento
Que os tormentos que soffro cá no mundo:
Sepultado em voraz Tartareo fogo
Todas as penas supportar intento,
Que a par das minhas confessar precizo
Fica sendo o Inferno hum Paraizo.

Mas ah! como me engana a fantazia!
Já comigo julgava,
Que atravessando o Lethes pantanozo
Me suppunha na vossa companhia!
Já no Averno gostozo vêr cuidava
Ixion parado, o Reino tenebrozo
Admirados de ver no Orco ardente,
Mais, que no mundo, huma alma estar contente.

Quanto he digno de pena hum desgraçado!
Que achando a morte doce,
Só porque a julga hum bem, não lho concede
Seu destino cruel, seu duro fado!
Oh mal haja esse Deos, que quiz que eu fosse
Alvo das settas, que cruel despede!
Que mal terei eu feito á natureza!
Para amar não o ecu ella a belleza!

Só porque sigo as leis, que ella me dicta
Eu tenho feito hum crime?
D'onde provém o asperrimo castigo
Com que me pune amor esta alma afflicta?
Por ventura de amar alguem se exime?
Mas todos tem amor por inimigo?
Se o premio de adoralo he maltratar-me,
Poderá desprezando-o premiar-me?

---

Que importa que me désse hum rosto lindo
Na delicada Armia?
Se a fé que me jurou constante, e pura
Quebra a cruel, de mim zombando, e rindo?
Se eu o seu coração não merecia,
Porque logo o não disse essa perjura?
Oh praza ao Ceo, cruel, que erse, que adoras
Te dê, como me dás, amargas horas.

---

Por ventura te tem mais amizade
Esse por quem me deixas?
O meu rival, oh Ceos! o meu deſdouro,
Causa fatal da minha infelicidade,
O motor do meu mal das minha queixas?
He mais nobre do que eu, ou tem mais ouro,
Para que o prefiras.... ah! perdôa,
Perdôa, oh linda Armia, a voz, que sôa.

Perdôa hum pensamento temerario,
De que he sómente a cauza
Minha dor, minhas ancias, meus suspiros,
E o meu juizo perturbado, e vario:
Não tenha a minha magoa embora pauza;
Fugido perca a vida entre retiros;
Eu não te goze embora.... mas, que digo!
E poderei morrer, sem ser comtigo!

---

Não te lembras, cruel, dô quanto te amo?
De que por ti só morro?
Mereça-te huma vez huma piedade;
Acode, ingrata Armia, ao meu reclamo....
Vem trazer-me em teus olhos o soccorro,
De que precizo.... Esqueço a falsidade,
Com que me tens tratado.... ah! não abuzes
Tantas vezes d'amor; vem, não recuzes.

---

Para alcançar-te hum dia, mil gemidos,
Mil ancias, e agonias
Supportei: bem o sabes; e agora
Só tão depressa forão attendidos
Do meu rival os ais? Se ha mais Armias,
Como dizes haver, elle que as siga,
Que em paz me deixe, que me não persiga;

Se és honrada, meu bem, torna a ser minha,
Voa para os meus braços:
Que antes que elle contente te buscasse,
Eu no teu coração já posse tinha:
Torna para os antigos firmes laços,
Que te unirão, meu bem; não te embaraces
Com teres-me offendido; ah vem; não temas,
Que se quebrem por mim nossas algemas.

---

Não te demores vai, Canção chorosa,
Procura a linda Armia,
Que se te ella escutar serás ditoza:
Pinta-lhe a fundo bem minha agonia:
Se a vires suspirar vôa gostoza,
Que esperando-te fico entre cuidados,
Por ver fim aos meus dias desgraçados.

# HYMNO
## A
## AMIZADE

### I.

Por ti, soberana dádiva dos Numes,
Benefica Amizade,
Do Delphico furor enthuziasmado,
Hoje travo da cithara sublime,
E te dirijo a sonoroza offerta
De meus sinceros versos:
Visto que em ti contemplo
Do Estado social o bem mais puro.

### II.

Affeita a bem fazer, contrária ao pranto
Nos subitos desastres
Tu, a afflictos mortaes dás prompto auxilio;
De ingenuos corações tomando posse,
A santos virtuozos, desvalidos
Da cega Deoza d'Antio
Ço' a poderoza dextra
Ufana arrancas da miseria as garras.

III.

Tu, os peitos magnanimos confórtas
Nas veredas da gloria:
Foi confiado assim no egregio Amigo,
Peritho demandar do Averno as sombras:
E a pezar das muralhas tresdobradas,
E portentozos monstros,
Que o immundo alcaçar guardáo
O medonho Plutão cobrio de susto.

IV.

Amizade, em teu candido regaço
Os mais duros humanos,
Os mais bravos heróes allivio encontrão:
Por ti o que domou de Juno as cobras,
As Hydras, e os leões, e o cão do Inferno,
Na doce companhia
Do caro Philoctetes
Brandas achava as marciaes emprezas.

V.

Com elle a reflectir passando as horas,
Lhe era menos penozo
De Dejanira o pertinaz ciume:
E se outr'ora d'Amor sentia as frechas,
Da Amizade nos braços tinha em pouco
Da rainha da Lidia
Os activos caprichos,
Da esquivança da engraçada jole.

VI.

Estribado no teu suave apoio,
Da familia de Priamo
O decantado assolador, Pelida,
Co' a presença de Pátroclo adoçava
Lembrança amarga de Briz ida auzente,
E os fervidos impulsos
Da cólera causada
Pela injustiça do soberbo Atrida.

VII.

Que seria, sem ti da prole infausta
Do rei dos reis da Grecia?
Succomb'ra, sem Pylades por certo
Aos dolos, como Páe, do adult'rio Egistho:
E muito mais, sem Pylades seria,
De cidade, em cidade,
Pelo tremendo facho
Das Tartareas irmãs affugentado.

VIII.

Que soccorros não vem do experto amigo
No caminho das letras,
Ao polido escriptor, que a patria honra?
Já Racine, Virgilio os nobres versos
A Horacio, a Boileaux primeiro abrião?
E approvados por este
Das censuras zombavão
Do estupido Pradon, de Bavio, e Mevio.

IX.

Não tens sido tambem comigo avara
Dos teus dons bem-feitores.
No juizo fiel do inteiro amigo
Armas acho de bronze contra a inveja
De apoquentados criticos bizonhos:
Acho honroza defeza
Contra indignas ciladas,
Pela fraterna mão traidora urdidas.

X.

De tanto beneficio em recompensa
Não quizimo em teus altares
O pranto, que verteo a mãi d'Adonis;
Mas troar ouvirás na lyra eterna
Despidos da lisonja audaces versos,
Que, pregões d'amizade
Vão libertar o Globo
Dos duros ferros do egoismo injusto.

## SONETO.

Quantas vezes, meu bem me está lembrando,
Que lograva as delicias dos teus braços;
Quantas vezes servindo estes de laços,
Nos hião docemente assim ligando.

Quantas, eu vou agora contemplando
Esses gostos que forão tão escassos,
Partindo o coração em mil pedaços
Se está de tanta magoa lastimando.

Compadeça-te amor do meu tormento,
Ajuda-me a sentir pezar tão forte
Já que tu és a cauza do lamento.

Sintamos ambos do martirio o corte
Seja este cruel apartamento
Lamentado por ti da mesma sorte.

# GLOZA.

## I.

Fui feliz n'outro tempo; mas agora
Em lagrimas converto o bem passado;
Mas nem com chorar tanto, se melhora
Esta dor, este mal, este cuidado:
Antes, querido bem, melhor me fôra
Não ter tão bello tempo já logrado;
Pois se vai meu pezar mais augmentando,
Quantas vezes, meu bem, me está lembran-
(do.

## II.

Eu sou aquelle amante, que lograva
Mil delicias que amor me prometia;
E quando peito, a peito te apertava,
Novo alento a minha alma recebia:
Eu sou, que n'esse altar se consagrava,
E qual Phenix de amor no fogo ardia;
Eu sou, lembra-te amor, recorda os passos,
Quem lograva as delicias dos teus braços.

III.

Mas que importa, meu bem, fosse ditozo,
Se passou toda a gloria, que então tinha;
De que serve haver sido venturozo
Se em pezar se trocou a sorte minha!
Agora, só recordo pezarozo
Quando amor nos meus braços te detinha,
E nelle te prendi tantos espaços
Quantas vezes servindo estes de laços.

IV.

Oh, lembra-te tambem doces amores
Que chegando da calma fatigado,
Querendo motigar tantos ardores
Estive no teu colo reclinado:
E quando assim lograva taes favores
Entre tantas delicias engolfado;
Vi, que amor mil finezas espalhando,
Nos hia docemente assim ligando.

V.

Oh, quem sempre comtigo amor, vivera!
Oh quem nunca dos braços te apartára!
Pois se prezente agora te tivera,
Outra gloria, meu bem, não dezejára:
Eu logo destas penas me esquecera,
Porque alegre, e contente então passára;
Taes delicias iria então logrando
Quantas, eu vou agora contemplando.

VI.

Mas ai de mim, que agora desterrado
Neste vale em que habito saudozo,
Das minhas vozes, só attende ao brado
Este rio, que passa vaga ozo:
Aqui nestes salgueiros encostado
De dia, e mais de noite cuidadozo,
A' memoria me vem alguns escaços
Esses gostos, que forão tão escassos.

VII.

Mas se alivio não ha na dor presente,
Acabe já de todo o fraco alento;
Morra eu sem remedio, acabe ausente,
Perca-se a vida neste apartamento:
Descarregue-se o golpe de repente,
Ninguem se compadeça em meu tormento
Vejão todos sem dor, sem embaraços
Partindo o coração em mil pedaços.

VIII.

Porém, que coração achar espero
Aonde predomine tal fereza?
Que peito posso achar por mais severo
Que abrandar não dezeje esta aspereza?
Que tigre póde haver tão impio, e fero,
Que de ouvir-me não mude a natureza?
Quando a penha aonde as vozes vão quebrando
Se está de tanta magoa lastimando.

(do

IX.

E se lá nesses longes, prenda amada,
Chegar a rouca voz que vai do peito;
Poderás destes écos informada,
Ver o quanto padeço a teu respeito:
Mas posto que esta voz por espalhada,
Te não deixe formar este conceito,
Atende terna sempre ao meu lamento,
Compadece-te, amor, do meu tormento.

X.

Aqui vivo sentido, e magoado,
Entre os horrores de huma soledade;
E sempre em puras lagrimas banhado,
Lastimo de meu mal a adversidade
Move-te pois meu bem o triste estado
Em que me poz de amor a iniquidade,
Se me não queres ver trofeo da morte,
Ajuda-me a sentir pezar tão forte.

XI.

Atende pois, meu caro bem, o quanto,
Constante o coração por ti padece,
Pois quanto cada vez se augmenta o pranto
Tanto a minha firmeza então mais cresce:
Se vês pois que por ti suspiro tanto,
Piedoza de meu mal te compadece;
Ajuda-me tambem ao sofrimento,
Já que tu és a cauza do lamento.

## XII.

E tu, rio, que agora estás prezente
E correndo assim, vais precipitado;
Pára o curso, suspende essa corrente,
Ouve os ais deste triste magoado:
Repara que essa tua groça enchente,
Tenho eu com meus olhos augmentado.
Socorre-me pois, rio, em mal tão forte,
Sintamos ambos do martyrio o córte.

## XIII.

Testemunha serás que suspirando
Nesta ribeira, e cheio de agonia;
Se a noite aqui me vem achar chorando,
Em lagrimas tambem me encontra o dia:
Já não corres sereno, manço, e brando,
Como eu mesmo algum tempo, alegre via;
Talvez a causa desse movimento
Seja este cruel apartamento.

## XIV.

Mas vem cá dize, o' rio, não te custa
Ouvir lá pela noite socegada,
Hum terno ai, que quando o vale asusta
Lá se quebra na penha levantada?
Pois pára, doce rio, espera escuta,
Não dés mais adiante huma passada,
E seja meu tormento em tudo forte
Lamentado por ti da mesma sorte.

# ODE.

Do rosto afflicto as lagrimas enxuga,
Presta á razão, o terno Souza, ouvidos?
Mais do que dor, consolação te offerece
A Paterna memoria.
Qual he o dia de prazer no mundo,
Que não offusque a nuvem dos pezares:
Quanto á somma dos bens: ah! quanto
A cadeia dos males! (excede
Os raios, que o Ceo vibra, as fundas larvas
Que abre a terra mugindo, a fome, a peste,
São pequenos flagelos, que não conte
A triste humanidade!
Ao menos se entre os homens habitassem
A santa paz, a candida innocencia:
Mas vemos triunfar o fingimento,
Dar ferros a discordia.
Temos na bocca o rizo, e nas entranhas
A damnada tenção: a mão que aperta
A nossa de manhã, antes da noite
Hum libello nos forma.
E ainda havemos com pequenne pranto
Roger as cinzas do feliz, que morre?
Havemos dezejar-lhe huns bens tão frageis,
Que passão como sombra!

Fogem as horas, leva hum dia outro,
Hum mez, hum anno, hum lustro mais se
Quando mal me precato a leve idade(passa
Toca o fim da carreira.
Com o olho á mira na fatal baliza
A fera Cloto envolta em sombra chega;
Por onde passa angustias derramando
Sem ordem, sem respeito.
A escura lapa ao mendigo encolhido
De nada vale; nem ao Rei defende
Luzida guarda de escolhida tropa
Contra a cruenta fouce.
Não lhe reziste, não lhe embota o gume,
De Pluto o ouro, nem de Marte as ballas;
Feliz quem detestando o feio crime
Tem por si a virtude.
Feliz hum caro pai, cuja alma grande
Sôlta ao prezente do terrestre manto
Entre jubilos goza a vista amena
D'outros sóes, d'outros mundos.
Honradas sombras em triunfo o levão
Daquelles que no mundo aos pés calcárão
O orgulho inchado, a adulação prezerva
E a sordida cobiça.
Hum suave prazer, que não concebe
Humano entendimento, que não póde
Caber jámais em coração terreno,
O inunda de continuo.

Triste de nós, que sem cessar lutando
No golfo das paixões, em debil taboa,
Não vemos ind' o suspirado porto,
Onde surgir devemos.

---

SAhi, versos meus; do seio
Onde viveis retirados
Com respeito, e sem receio
Chegai onde sois chamados.
Seria o receio offensa?
Que não inspira a prezença
De huns olhos sabios formozos
Mas não menos piedozos!
Não compasso impertinente
Do Aristarco exacto, e frio
Nem vos sirva de desvio
Do máo Zoilo o fel, e o dente.
Não da Muza Luzitana
Maltratados não sereis,
Beijai-lhe a mão soberana
Nella defensa achareis.
Contra a raiva insulsa, e insana
Das escolasticas leis
Seguros desprezareis
Do pedante a vara ufana.

Do seu Codigo rireis.
De qualquer vista profana
Resguardados estareis.
Que a todos que tem provado
Do amor da verdade o ardor
E ainda a quem tambem pintado
Tem da amizade o calor
He qualquer verso sagrado,
Se o dicta a verdade, e o amor.
Por ellas fostes dictados
Escritos com singeleza
Da virtude, e da beleza
No regaço agasalhados.
E se applauzo, e approvação
Não poderdes conseguir
Conseguireis compaixão
Saberá que huma affeição
Fez de dois hum coração
Que a morte veio a partir
E que o sangue, e obrigação
Não deixão da morte unir.
Eu senão tive a ventura
De admirar de Jonia o rosto
Tenho visto, e com que gosto
Da sua alma a formozura.
Não só me enleva a harmonia
Mas mil rasgos preciozos
De amavel Filozofia
E dos corações mayozos.

A elatrica simpatia
Não vos arrasta a ambição
A' amizade obedeceis
Se mereceis compaixã
Que inveja não mereceis!

*José Anastacio da Cunha.*

## NOITE SEM SÓNO.

IMagem! não por destra mão pintada
Ou em preciozo marmore lavrada
Porém pela virtude, e formozura (jura!
N'huma alma impressa, aos Deozes graças,
Imagem que ao meu bem agora auzente
O'ffreces quasi aos olhos meus prezente!
Cauza unica da minha distracção
Minha mais doce, e seria occupação,
No sono á noite, ou no occupado dia
Sempre desta sua alma companhia,
Desta sua alma para amar nascida
Comtigo ao menos sempre sempre unida,
A cuja vista a mais severa pena
Do semblante enrugado o horror serena
Do teu resplandor cego já não vejo
Da fortuna outros dons nem os dezejo

Quanta me dá suave recompensa
Tua mais que bellissima prezença!
Virtude, graça, engenho, amor, pureza,
E em que grão! — quasi encobrem a beleza!
A beleza que só converteria
O duro gelo em fogo a noite em dia:
O' olhos! ó luz languida, e divina
Que o mais sublime, e puro amor me ensina!
Que ao estupido moço não agrada
Pelo desprezo seu melhor louvada!
De olhos vulgares póde o movimento
Dezejos accender por hum momento,
Olhos vulgares matarão de amores
Vida, e amor dão vossos resplandores;
Olhos em cuja doce claridade
A alma exhala a celeste suavidade.
Olhos, olhos! ó Ceos! vós que os fizestes
Vós o nome dizei que então lhe déstes.
O' imagem! principio da attracção,
Que invencivel me leva o coração...
(Leva-o? ou elle mesmo alvoroçado
Vos?) para o seu bem mais que adorado.
Quantas vezes pergunto estupefacto,
Se és da virtude, ou do meu bem retrato?
E huma voz dentro d'alma não sei donde
*Pois não he tudo o mesmo*? me responde.
Tu que a virtude amado tens nella
Vê no teu bem agora como he bella
Começa a dar-te a paga merecida,

Benigno o Ceo de huma innocente vida.
Do Ceo murmurar deixa ao vulgo rude,
Vê na virtude, o premio da virtude.
Voz intima, e por certo mais que humana
Se o Ceo aos innocentes não engana,
(Como de me enganar posso ter susto
Se me prova tal voz que o Ceo he justo,)
Voz quanto mais te escuto mais me animas,
A amar o bem mais a alma me sublimas.
Original desta imagem encantadora,
Que do somno me está privando agora
Objecto amabilissimo inefavel
Cada dia, hora, instante, mais amavel,
Se hoje em sonhos não queres ser amada
Voe a ti toda esta alma arrebatada
A força augmenta da attracção possante
Goza, de todo goza o teu amante.
E unidos ambos oh, e estás tão perto
Meu bem! deliro, ou sonho, ou estou des-
Ambos unidos em mimoso laço! (perto.
He ar quando que a abraço me parece
Faces, bocas unidas.... Ah que faço?
A mim me abraço, e em ar se desvanece.
Mas que duvido com abraço estreito
Cingir-me. Dize não és seu meu peito?
O' meu encanto! O? dize-me esquecida
Poderás ser ainda além da vida?
Póde do tempo a mão frequente, e dura
Na minha alma apagar tua figura.

Se altas montanhas entre nós se ergueram
Largos rios com impeto correrem
Se espessas selvas nunca penetradas
Campinas cruelmente dilatadas,
E outras selvas depois, outras campinas
Famintas féras, e Nações ferinas,
Entre nós estender fado tyranno,
Se bramar entre nós todo o Occeano
Se entre nós se metter inexoravel
Da terra a curva espadua impenetravel,
Dize, meu bem, dize-o tu só, e ha-de
Em toda a inteira angustia da saudade
(Perfeita angustia, angustia sem mistura
Empopada em mortifera amargura!)
Hade a imagem, que está tão bem gravada
Na fantazia mais que namorada,
Fugir-me! oh julgas tu que ha de sómente
Começar a apagar-se levemente.
Deixará tua falta de avivar
Cada vez mais, por mais me atormentar?
Cada vez mais co' a fria negra mão
Deixará de apertar-me o coração?
Se só lembrada faz que huma alma forte
Affeita ha muito a desprezar a morte
Treme gela, e desmaia espavorida
Póde deixar de me matar sentida,
Ou se talvez então mais occupado
Em adorar-te quanto mais lembrado
A' tua imagem todo unido absorto,

E a tudo o mais cego, insensivel morto.
Me correrá o tempo docemente,
Quasi sem advertir que estás auzente.
Ah! eu vejo a alma anciada que fluctua
Entre a imagem prezente, e a auzencia tua
Quando aquella consola esta atormenta,
Devora-me huma, a outra me alimenta,
Qual vencerá? Sois justos Ceos supremos,
Se o sois ah! nunca, nunca o saberemos?
Vai voando o vulgar grosseiro amor,
Qual borboleta vai de flor em flor,
Vê luz, e a ella namorada corre
Goza-a queimando-se, e em gozando a morre
Chama que consumindo resplandece,
E o alimento que queimou fenece:
De gozar só tem vida na esperança,
Que muito que se extinga á sim que alcança
Quem abraza do vulgo o coração,
Não he amor: feros dezejos são,
Da especie são do sono sede, ou fome,
Nem merecem de amor o sacro nome,
Não, não merecem nelles nascimento
Tem dos tormentos, o peior tormento.
Os loucos corpes vis infernaes zelos
Dize, capazes somos nós de telos?
Oh! que mal sabe o vulgo dos amantes
Quanto do que he amor estão distantes,
Amor, nome suavissimo, e sagrado
Pelo vulgo á loucura, e ao vicio dado!

O amor profanão por diversos modos,
Ou ao menos o ignorão quasi todos
Huns o pintão rapaz cego frecheiro
Tyranno outros, ou vil interesseiro,
E os poucos bons que extatica amizade
O crem quanto inda distão da verdade!
Divina força espirito celeste
Que só de te sentir, poder me deste:
Se para aliviar o coração
Da pezada suavissima oppressão
Poderá com palavras explicar-te,
Ou nos suspiros, e olhos meus pintar-te
Se conhecer-te o mundo não pudéra
Para a virtude atraz de ti correra.
Mas oh! quem sem virtude póde vêr-te
Quem sem sentir te póde conhecer-te,
Ah do meu bem no angelico semblante
Com que gloria o admiro, radicante
Amor da especie mais sublime, e pura
Respira quanto em sua formozura
A minha alma contempla quasi louca
Face atractiva, e atractiva bocca,
Rosto que encanta affavel, ou sisudo
Olhos palavras movimentos tudo!
Póde esquecer nos nunca aquelle dia
Em que mais por humana sympatia
Sentimos nossas almas attrahidas,
E para sempre, para sempre unidas.
Tosca estreita palhoça afortunada

Em que a nossa união foi celebrada,
Tosca estreita palhoça! em ti contemplo
De todo o mundo o mais augusto Templo
Que mais augusto, e esplendido apparato!
Que mais solemne, e respeitavel acto!
O' Ceos!... Dize meu bem, do Ceo não vias
A mão em tudo quanto em nós sentias,
Sim, nosso amor o Ceo nella approvou
As mãos, e almas o Ceo nos enlaçou.
Perguntte o vulgo vão que amor juramos
Que fé? Demos as mãos, e suspiramos.
Querer prender do instincto a liberdade
Com promessas: ridicula vaidade.
Os loucos juramentos dos humanos
São crueis mas fraquissimos tyrannos,
Amor se o mundo vis prizões lhe tece
Sacode as azas, e desaparece,
Jurar! e o que? Qualquer de nós não via
Tão claro no outro quanto em si sentia.
Cheio de amor, admiração, respeito,
Quando a mão me tomou, e unio ao peito
Não via (oh Ceos!) não via a luz divina.
Que de dentro da fonte cristalina
De gloria enchendo quanto a rodeava
A virtude que a anima derramava.
Não vio absôrto a affavel magestade
O amor, amor angelico, a verdade.
Goza meu bem em quanto a sorte avara
Com tanta crueldadade nos separa,

Goza do alivio que nos concedeu
De dizer com certeza. He minha! He meu
E se he força que até o fim da vida
Tão injusta distancia nos divida,
Morramos quando grato aos Deozes for,
N'algum trance suavissimo de amor
Vivamos então (a alma o affirma,
E ainda mais o amor nosso o confirma)
Livres de todo humano injusto laço.
N'hum sempre estreito amante eterno abraço

*O mesmo.*

## O ABRAÇO.

ALta rocha sustem me que esmoreço
De amor não sei se estou para espirar
Como me anceia! em quanto não faleço
Co' a noite quero aqui dezabafar
O' meu... ó meu amor onde fugiste
Onde estou eu agora, e onde estava
A alma começa a conhecer que existe
Que atégora sabia só que amava
Não estive n'hum mar quasi afogado.
De inefavel angelica ternura

Respiro apenas ainda estou cercado,
De estranha grossa neve a de luz pura
De amor prodigios inda não ouvidos
Que absorto sinto, e entender não sei
Sobe-se-me a alma dos mortaes sentidos,
Ou acordo de hum sonho! Ah não sonhei
Não não sonhei que estes teus braços vejo
Inda na acção de te abraçar pasmados.
Não, não sonhei que inda o celeste bejo
Gozo nos labios mais que namorados
Sinto estalar-me docemente o peito,
C' os impetos d'hum coração que he teu
Coração que em amor se vio desfeito,
Na doce visinhança desse meu
Oh guarda mundo vão tua tiqueza
Que vale o oiro, e joias que contens
A' vista da virtude, e da beleza,
Que vale o que da sorte chamão bens?
Mortaes que, ou da fortuna os grossos mares
Com risco vosso, e alheio mal cortaes,
Ou do máo fanatismo nos altares
Ensanguentado incenso vil queimaes
Interesseiro vulgo dos amantes,
Só de si realmente namorados
(E quantos, ou de máos, ou de ignoran
Atraz dos vicios correm desgarrados!)
Se he certo que só vista a formozura
Da virtude emendára aos viciozos
O' do mundo, e de vós para ventura

Véde o meu bem; e sede virtuoros.
O feio negro fumo o leve..o vento
Da gloria que cuidais no mundo achar.
Vereis desvanecer-se n'hum momento
A' vista da de ouvila, e a contemplar
Pompas do mundo gostos tão buscados
Que recreio encontrar em vós podemos
Se hum n'outro sempre sempre embelezados
Exceto nós do mundo nada vemos.
Se aquelles que o sublime o só louvavel
Gosto de gosto dar nunca sentirão
Dos nossos castos mimos a ineffavel
Suprema gloria virão... Ah se virão!
Mas não; porque debalde esperaria
Nosso amor abrandar almas tão duras,
E inteira approvação só acharia
Entre os anjos, e intelligencias puras,
..ão crés tu que hum co.o de amorozos
..fins sempre nos rodeia, e ouve,
..m os gentis espiritos ditozos
.. alguns amantes, como nós se os houve
..os houve! Oh cuidas tu que se acharia,
.. no mundo, ou do mundo nos annaes
..em, milagrozamente, s beria
..ito, e tão gentilmente amar jámais.
.. vês inda de gosto suffocados,
.. um no outro nossos peitos esculpidos.
.. sentes nos os rostos tão chegados,
E ainda mais os corações unidos?

Oh mais mais do que unidos! Tu fizeste
Doce encanto que eu fosse mais que teu
Lembra, lembra-te quando me disseste
Meu bem eu não sou tu: Tu não és eu?
Faz de duas vizinhas gotas de agoa
Huma só a invencivel atracção:
Forma amor em celeste ardente fragoa
De nossos corações hum coração,
Mesma vontade mesmo pensamento
Mesmos dezejos, mesmo terno ardor
Somos em fim (que gloria, e que portento!)
Não dois amantes, mas hum mesmo amor.
Oh gloria incomprehensivel! Quem me dera
Palavras dignas do que amor me influe.
Ou as tuas meu bem! Então dissera
Quanto n'hum breve abraço amor inclue!
N'hum breve abraço! O Ceos! e porque bre-
Sois bons, e até á morte não durou (ve
Tudo podeis, e a oppor-se quem se atreve
A vossa mão que as almas nos ligou?
Impias leis, e costumes dos humanos
Que hum innocente abraço embaraçais
Tão diverso dos gostos vis mundanos
Como de pejo as faces não céraes
Só de abraçar-te a gloria aos Ceos ao fado
Peço para antes, e depois que expire
No seio da virtude reclinado
A que mais gloria quererão que aspire?
Sim do terrestre corpo libertados

Vivei em fim que amor que o diz não mente.
De Deos no seio iremos abraçados
Doce, estreita, continua, eternamente:
Isto dizia hum tão perfeito amante
Que nem tempo prezente nem passado
Nem mostrárão ainda semelhante
Fabulas de Poeta namorado
No golfo de tão grande eternidade
Com a contemplação se submergio
Embebido na quasi realidade
Até que a Aurora ao sol a porta abrio.

P. S.

O mizerrimo amante mal sonhava
Que de dentro da horrenda escuridade
De huma nuve infernal já levantava
Sobre elle a desventura cruel mão
Todo o seu gosto que empregado tinha
No agrado do seu bem todo perdeu
Perdeu a gloria de dizer: He minha
Só se aviventa com dizer: sou teu.

*O mesmo.*

## O PRESAGIO.

SO's estamos meu bem, sim só comtigo
Divina, e melhor parte de mim mesmo
Comtigo unica inteira dita minha,
Minha, minha mas, ai de mim, auzente
Sim comtigo a pezar da injusta aurencia,
Ea barara auzencia, e Ceos inda mais barbaros
Comtigo sim comtigo que o destino
Essa escondida cauza, esse principio
Que, ou activo, ou inerte não sómente
Se oppõem ao bem; mas he do mal origem,
Origem de gemidos do universo
Rasgar nos póde hum coração que temos
De rios, montes, e campinas póde
Distancia tão cruel em que beni mostre
Sua má propensão metter em meio
Das duas amantissimas metades
Se póde! O' com que dor o experimentamos
Porém ao menos isto nos console.
Póde apartar, mas dezunir não ha-de
Que apartados, ou juntos somos hum.
Estamos sós: deixem me pois: que he isto
Que he o que sinto em mim tão de repente
Que susto de repente assim me assalta

Não, ai de mim, não seja a côr da morte
Coração do meu bem! oh desengana-me.
Oh dize-me que he isto? São presagios
Ves de tão longe, e sentes as desgraças
Não sopra o vento estão os Ceos serenos
E já preságo o mar se empóla, e encrespa
Ao mal aconselhado aventureiro
Que, mas debalde, agora se arrepende.
De cada possante onda já mostrando
Na enrugada testa carrancuda,
E na disforme bocca o inexoravel
Naufragio que nas azas da tormenta
De longe mas veloz vêm a tragalo
Posso de vós esperar algum alivio
O' livros vãos! De ti discurso humano
Tanto, e tão loucamente prezumido
Que fraco cego coxo quês jactar-te
De seres nossa guia! o' pobre, pobre
Discurso! Cuidas que conheces tudo,
E tão mal a ti proprio te conheces!
Como te ficão mal taes arrogancias
Tu mera faculdade, mero instincto
Se debil, e ignorante conselheiro
Mil vezes enfadonho, e desprezado
E algumas com razão, de outros instinctos
Que ainda menos do que a ti conheces
Mais poderozos mais seguros, e uteis
A ti o que elles fazem attribues
Sem vêr que és delles quasi sempre escravo

Dize ás tu quem no pejo o roto coras
E no pavor o deixa descorado?
Regulas tu do sangue o movimento
Oh dize ás tu quem ama? ás tu quem sente
Do puro amor os inefaveis extases
Tu quizeras dizer-me (oh quem te crera)
Que chimericos são estes presagios,
Estes presagios que a alma me traspassão,
Porque? Que sabes tu? Oh sê modesta
Tu que chamar-te ques Filozofia
Todas as rodas viste, as molas todas
Deste immenso relogio do Universo?
Vê, vê do fogo eletrico os milagres
E em paz por compaixão chorar me deixa.

*O mesmo.*

## A DESPEDIDA.

E Inda mais divididos do que estamos
E inda para mais longe? oh, e qu m longe
Que incerto, e duro tempo de martyrio!
Se martyrio se pena, dor, torm nto
Nomes capazes são, ou sós, ou juntos
Para explicar o quanto, quanto custa

O viver separado de quem se ama!
Quem ama terno, e fino, e extremozo
Deos que será de quem como nós ama
Quem jámais tanto amor teve, e tão puro.
De união tão perfeita, e tão divina
Quem no mundo sonhou jámais, quem póde
Crer que huma alma governa assim dois cor-
Huma alma hum coração oh injustiça (pos:
Oh maldade das barbaras estrellas
Que de si mesmo hum coração separão
Hum coração que temos no-lo rasgão,
E deleitão-se em ver correr o sangue
De duas amantissimas metades
De hum coração tão puro como o nosso
Em o ver palpitar, e chorar sangue
Sanguinolenta vista lastimoza,
Cruelissima! digna não de tigres
Não de faminto lobo, ou feroz ursa
Que os filhinhos perdeu! mas o prodigio
Cegos mortaes, e como haveis de crelo?
Mas digna só das celestiaes deidades,
As cruéis até lagrimas me negão...
Mas q' em acuzo em vão de quem me queixo
Sejais bem vindas lagrimas saudozas
Sejais bem vindas doces, doces lagrimas
No meu seio sereis agazalhadas
Daqui té... quem pudera dizer quando
Minhas inseparaveis companheiras,
Em quanto falo, em quanto choro o tem-
inexoravel tempo o passo dobra. (po

E o co' dedo me mostra na empulheta,
Na empulheta que sacudir lhe vejo,
Assignalando o fero instante, o instante
Do tristissimo apar... apar... não posso.
Nem ha de ser meu bem, e cuidas que ha-de?
Nós separados! não meu bem... nós longe
Oh nomes vãos de coisas que ignoramos
Mais vans, mais vans que os nomes que lhes
Mas que loucura a minha! o tempo vou [illegible]
E eu affligir te em vez de consolar-te.
Divina melhor parte de mim mesmo
Meu encanto, meu idolo, meu tudo,
O' unica, e completa dita minha
Oh não te afflijas: antes se pudermos
Conjuremos nos ambos contra o fado
Frustremos seu malvado vil intento
Hum do outro na dulcissima lembrança
Que achar meu bem podemos senão gloria?
Hum do outro na imagem tão amada
Nas acções, nas palavras, nas finezas,
Nos signaes de bondade, nos extremos,
Nos suavissimos mimos ineffaveis
Sobre nossos sentidos empreguemos
Com efficacia tanta que as estrellas
As malignas estrellas nunca vejão
Em nós outros suspiros outras lagrimas
Mais que as de hum fino amor recompensado
De hum amor como o nosso. O doces lagrimas
Sois vós que eu choro agora, ó minha, mi-

 (nha

Separemo nos: mas oh de dezunir-nos
Capaz jámais será poder algum
Juntos, ou separados somos hum.

*O mesmo.*

## A HUMA INFELIZ NOTICIA.

AI de mim què escutei? quem de repente
Me crava n'hum só golpe mil punhaes
Que gelido terror assim nas veias
Me prende o sangue? antes direi que pasmo
Que mortifero pasmo desta sorte
Ao chão me atremessou sem cór, sem força
Frio, frio, e sem sangue, sem alento
Oh noticia cruel! o' de mim parte
Mais amada melhor gentil divina
Minha adorada enferma, enferma, e longe
E tão longe (ai de mim) de quem tanto amas
Que direi, que farei o' desditozo
Cumprio-se em fim cumprio se o fero agoiro
Que tão medonhamente me zunia
Em roda da cabeça, e pia com uivos

Me chamava de noite ora co' as pontas
Das negras aras frias
Batendo-me no rosto me acordava
Sem tino, sem respiração. Cumprio-se
E de mim longe vio-se
(E oh mizero de mim inda se ve)
Entre as cruentas unhas
Da febre devorante
Aquelle cristalino
O transparente corpo
Tão terno, e delicado
Para os mimos formado
Do mais sublime, mais que humano amor
E anda a mão asqueroza da doença
Sem respeito, sem dó
Os membros profanando,
Os membros maltratando
Tão formozos, tão sem iguaes angelicos,
E da face divina
A finissima purpura avivando
Co' a sua ardente purpura malina
Outras vezes co' seu
Pallido, e frio vêo
Tristemente cubrindo
O rosto mais que lindo
Aquelle rosto, e olhos
Querido rosto meu, queridos olhos,
Para os quais inda não pude achar nome
Que os vulgares de formozura, e encanto

Então, oh então muito longe
Do que continuamente
Naquelle rosto, e olhos
Esta alma admira, e sente
Os olhos se me quebrão
De ver todo o meu bem, o meu bem unico,
Resumbo sublimado
De perfeições terrenas, e celestes
Da fabre atenuado
Da fabte atropellado
Aquelle quasi incrivel
Composto milagroso
Da formosura angelica,
De angelica virtude
O corpo formozura alma virtude
Ver isto eu que temia
Que até dos castos mimos do mais puro
Perfeito amor a mesma suavidade
Fosse para com ella grosseria
E quasi até o olhar com liberdade
Por sacrilegio tinha,
Sendo ella tanto minha
Pois toda inteira, toda inteira he minha
Que no direito instante
Em que divina imperceptivel força
As nossas mãos, e coraçoes unio
Com corpo, e vida, e pensamento, e tudo
Tão totalmente toda a mim se deo
Que de si mesmo nada em si no seu

E a fortuna avarenta
Quanto tempo passamos
Quanto desperdissamos
Ignorando bem tanto
E quasi satisfeitos só do quanto
Possuidos nos viamos
Sem saber que igualmente possuiamos
Crendo-nos talvez de outrem sendo nossos
Sendo nossos sómente, e ambos hum só
E havemos de acabar! e assim tão cedo.
E tão longe hum do outro! oh oh ausencia
E vós fortuna, ou fado, ou providencia
Do universo alma, ou ri, cauza primeira
E principio de tudo
Que tudo tão maravilhozamente
Há seculos immensos
Não sei se diga occulto se patente
Produzis, ou regeis
Como, como podeis
Resistir á piedade, ou não sentilla
Do coração tão terno que rasgastes
E com tanto intervalo separastes.
Chamaste justo, e bom, e omnipotente
E que devo (ai de mim) dizer! que posso!
Se agora vir que tão perfeito amor
Em nosso casto peito só plantastes
Para o segar em flor
Triste oh triste de mim que esperar posso
Da surda, da insensivel natureza

Que tão barbaramente
Ou trata, ou tratar deixa
A sua producção mais excellente
O seu milagre seu adorno, e gloria
Ou se talvez livrar-nos
Dos pezados grilhões das leis injustas
E inhumanos costumes dos humanos
Não póde sem matar-nos
Sequer; sequer levar-nos
A algum ditozo azilo
Longe de olhos profanos
Ao crime, e á dor occulto, e inaccessivel
Onde não ache como aqui limites
O seu poder benevolo
Azilo onde não manem outras lagrimas
Nem mais suspiros voem
Senão os que derrama, e os que exhala
Mavioza virtude namorada
Divinizado amor;
Reclinados no seio da ternura,
Ternura suavissima que quasi
Quasi parece languida tristeza
E inda não houve tão contente rizo?
Onde em fim conhecer nossa alma possa
O Reino a patria da virtude, e nossa
Se para coroar tão raro affecto
União tão perfeita de vontades
Para melhor unir-nos nos dezata
Deste terreste laço.

N'hum eterno, e por fim já livre abraço
Se o mais que póde dar-nos
Nos quer dar que he gozar nos
E de nos ver em tão injusta, e dura
Separação ir consumindo os annos
Em fim compadecida
Nos manda pela morte melhor vida
Oh tenebroza oh dura impenetravel,
E desconsoladissima incerteza
Indifrente algum dia
Quando eu vivia livre, ou não vivia
Pois antes de ser teu
Não era viver, não
Era hum mero durar o viver meu
Era hum mero crescer em hum estado
Sem vida, sem sabor qual o dos plantas
E de gosto só sombras os que tinha
Antes de seres minha
Oh incerteza tão cruel! Ao menos,
Ao menos isto he certo, e fixo, e immovel
Como a mesma certeza, e a verdade
Que o meu unico bem, a que he minha alma
Sem mim (oh não) sem mim não morrer não ha-
Longe, ah longe de mim a triste idéa (de
A injusta, a vil idéa de que possa
Esta vida só tua
Que as tuas mãos (ah lembra-te) salvárão
E que só tua de antes sempre fora
Durar mais que a sua bemfeitora

Contente-se a injustiça
Do barbaro destino
Com ter-nos tanto tempo tão distantes
Tantas montanhas entre nós erguendo
E tão longas campinas estendendo
Tão injusta distancia tão penoza,
E mais penozos mais injustos uzos
(Antes direi abuzos)
Que no mundo só reinão
Com tanta crueldade
Por falta de juizo, e de bondade
E aos quais por ti meu bem
E sómente por ti guardo respeito
E a ti só não a elles me sujeito
De apartamento tão cruel contente-se
Porque debalde intentará de hum corte
Dezunir-hos mettendo em meio a morte:
Debalde adamantinas
Impenetraveis trevas pavorozas
Feias vizões, e medos
E mais feia incerteza
Intentarão vedar-me
O temido portal da eternidade
Pois nem a saudade
Dos meus caros amigos mavioza
E tão justa saudade
Mais que ferro, ou que fogo poderoza
Assaz forças terá para impedir-me
Que voando te siga

Onde quer que guiares
E onde hirias tu sem me levares?
Lagrimas minhas em tão dura auzencia
Minha melhor mais doce companhia
Que ha tanto tempo de meu mal o pezo
A levar me ajudais
E agora de tal dor de tanto susto
Consolar-me parece que intentais.
Se vive, consolai-me
Mas senão oh depressa oh suffocai-me.

*O mesmo.*

## SONETO.

NÃo fiscalizes não com olho austero
Leitor meus versos pelo amor dictados
Ao som de seus grilhões forão cantados
Compaixão, não censura de ti quero.

Canto hum rosto ora meigo ora severo
Recordo instantes bemaventurados
Ou narro largos annos desgraçados
Em cantar doces magoas só me esmero.

Mover a magoa com meus ais sentidos
Magicas Ninfas de minha alma encanto
Ou gratular favores recebidos.

São só o fim porque eu a voz levanto
Para os peitos do brando amor feridos
Para mim, não para os censores canto.

*Francisco Manoel do Nascimento.*

## SONETO.

TRistes ciprestes de agoirada rama
Horror desta feissima espessura
A vós me envia a minha desventura
O mea mortal destino a vós me chama.

Nesta rocha em que o mar rebenta, e brama
Elejo abrir medonha sepultura
Vós inclinai á campa a sombra escura
Que hum triste morto as negras sombras ama.

Vós, aves, que cantais com voz sentida
Acompanhai-me em meu pezar sobejo
Que a puras saudades perco a vida.

Cumpri piedozas meu final dezejo,
Ternas canções cantai por despedida,
Que eu cedo morro, se o meu bem não vejo.

*O mesmo.*

# SONETO.

HUm Soneto! Inda esta me faltava!
Quatorze versos, isso he mui comprido!
Não chega lá meu estro espevorido
Muito he se deito a barra a huma outava.

Lá vai « *O sol brilhante campeava*
*Pela estrada do meio* ... vou perdido
Longe do Mote, longe do sentido
Nunca no oiteiro Albano assim glozava

Entro por outra porta desta feita
Creio que dei co' o trilho » *Huma Pastora*
*Que co' cajádo n'agua tinha feita.*

Não presta. Tome lá minha Senhora
Guarde o Mote, e dir-lhe-lhei quando se en-
*Assim de flores se corea a Aurora.* (1) (feita

*O mesmo.*

(1) Mote dado.

# SONETO. (1)

COm feroz, e nojenta catadura
Co' as horriças garras assanhadas
Os olhos fuzilando, e as empestadas
Chamas soprando da garganta impúra.
Te accommeteu do monstro a tuim figura
Ao abrigo das palmas (2) agouradas
A quem tu co' as heroicas mãos armadas
Déste em hum golpe a morte, e a sepultura.
O' tu Hercules femêo que o Universo
Limpas da vil relé que o desbarata
Fizeste acção que apenas cabe em verso.
Já voz ergue Lisboa ao feito grata
E a fama por esse ar lança disperso
Teu louvor, teu triunfo da Barata.

*O mesmo.*

---

(1) Epinicio á Senhora D. F. G. X. de S. que mostrou intrepidez accommetendo com huma vassoura huma feroz Barata, e dando-lhe com ella a morte.

(2) Estava esta nova Hidra intrincheirada nas dobras, ou meias-luas de huma esteira do Algarve o que prova que não só era madonha, mas ainda cavilosa.

## SONETO.

Detesta o Navegante o mar infido
Molhando o chão co' as vestes alagadas;
Mas logo surca as ondas infamadas
Onde o seu cabedal deixou perdido.

O Jogador de azares perseguido,
Se blasfema do acinte das cartadas,
Perdido o odio ás cartas blasfemadas,
Torna ao combate em que ficou vencido.

O Soldado ferido torna á guerra,
O experto Lavrador nova semente
Confiado em melhor entrega á terra.

Assim de teus desdens vou descontente,
E a razão longe delles me desterra;
Mas torno a teus desdens em continente. (1)

*O mesmo.*

(1) Juravi quoties, ed turum ad limina nun-
Cum bene juravi, per tamen ipse redit. (quam
*Tibull. L. 2. Eleg.* VI. v. 13.

## SONETO.

Fuja d'agua que lhe ha-de dar a morte,
Dizia a meu Avô hum adivinho
Fi-lo de susto que entra a beber vinho
Como hum taful da Bacchanal cohorte.

Contr' agoa concebeo odio tão forte
Desta feita que nunca o Avozinho
Perto de rio, ou charco fez caminho
Por fugir do traspasso a aguada sorte.

Té tomou medo á chuva, e em sua asneira
De ouvir hum aguadeiro desmaiava
Com ver hum chafariz tinha cenreira.

Tanto no mtl da cepa se enfrascava
Que hidropico em mizerrima canceira
(1) *Morreo d'agua, quem d'agua esconjurava.*

*O mesmo.*

(1) Mote dado.

## SONETO.

OS cabelos com serpes enastrados
Vertendo á bocca escuma viperina
Do Erebo abria a porta adamantina
Aleito algoz cruel dos condemnados

Eis surge a furia, e os ares assustados
Tremem ao som da voz rouca, e ferina
Qual co' a polvira estalando accesa mina
Vergão co' abalo os montes descuidados.

A' branda Clori então de mim Senhora,
Porque abria seu peito a meus disvelos,
Escravo a mão beijava bemfeitora.

Quando a furia sacode dos cabelos
Huma serpe entre nós. Dessa tris hora
Nunca mais nos deixárão sévos zelos.

*O mesmo.*

## SONETO.

Numes Agrestes, neste altar sombrio
Que dos ragaes ergueu pia lizura
Póe Tirso a mão, e de joelhos jura
Mais não amar de Silvia o gesto impio.

Co' a linfa pura deste arroio frio
Lava os labios tingidos de amargura
E veneno daquella bocca impura
Que o leve ao mar co' a sua culpa o rio.

Com o ferro apagai, ó Pegureiros,
O ingrato nome que deixei gravado
Na cortiça das faias, e salgueiros.

E entalhareis por cima do apagado
Por milagre dos Deuzes justiceiros
Sarou Tirso de amor mal empregado.

*O mesmo.*

# SONETO.

SE o meu bem vejo em braços de outro (amante
Lavra em meu peito fervido ciume
Arde-me o coração em vivo lume
Chameja a labareda no semblante.

A rouca voz, o juizo delirante
Embrusca-me a alma rabido negrume
Megéra afia atraiçoado gume
E no ensopa na mente a todo o instante.

Nem das maternas furias agitado
Sentio Orestes frenezis maiores
Que eu dos brandões do zelo incendiado.

Os Latigos d'Alecto vingadores (do
Não dóem tanto, nem tem hum condemnne
No Inferno ao menos zelos mordedores.

*O mesmo.*

## SONETO.

Rasga-se em dois do Templo o veo sagrado
Tolda-se o ar de trevas espantozas
A Lua, o Sol com manchas sanguinozas
E o mar geme na praia espedaçado.

Treme o globo em seus eixos abalado
E surgem das entranhas revoltozas
Mirrados corpos, formas espantozas
Que o povo põem absorto, e descorado

O Sol, os Ceos, a terra, o mar profundo
Devião este horror, e assombro ingente
Ao que espira na Cruz Author do Mundo.

Ah se assim nos assusta paciente
Que será quando venha furibundo
Julgar do Throno a peccadora gente?

*O mesmo.*

# SONETO.

JA' a noite vai colhendo o manto escuro
Recamado de estrelas radiozas
Do tempo as gentis filhas pressurozas
Lavão Pyrois, e Ethonte em nectar puro.

Lucifer com brilhante pé seguro
Piza do Oriente as plagas luminozas
E as sombras vão fugindo de medrozas
A amparar se do Sol co' Estygio muro.

Tingem-se as nuvens já no Ceo luzente
Da lindissima côr apavoada
E a terra enfeita a toreada fluge.

Já a aurora co' a mão alva, e rozada
Abre as portas ao dia, e do nascente
Já descer vejo a fresca madrugada. (1)

*O mesmo.*

(1) Mote dado.

# ANFRIZO

## IDILIO.

NAs frescas margens do Sever fromoso
Amava Anfrizo a Clori, o loiro Anfrizo
De hum pequeno jardim cultor gracioso,
Pela Ninfa perdido tinha o sizo,
Pela Ninfa deixava sem cultura
O roxo goivo, o candido narcizo;
N'huma manhã de Maio fresca, e pura
Quando a rozada aurora apparecia,
Orvalhando dos campos a verdura,
N'hum denso bosque o triste se metia
Onde ás flores da Ninfa rigoroza
Estas queixas, porém em vão, fazia:
O' Clori branca, e loira mais formoza
Que as tulipas do orvalho borrifadas
Ao raiar da manhã fresca, e saudoza,
Para quem nas serenas madrugadas
Colho os brancos jasmins, as assucenas,
Com a cheiroza salva misturadas,
Quando fim hão-de ter as minhas penas?

Com minha morte? sim a triste vida
Contente perderei pois tu o ordenas
Em meu peito abrirei cruel ferida
Cevar-te-has em meu sangue ingrata fera.
Nas entranhas do Caucaso nascida
Não bem contava a nona primavera
Quando vi tuas graças peregrinas
Quizera o Ceo que a vista antes perdera!
Vinhas tu com Licori inda meninas
Por signal que eu era quem vos guiava
Colher deste jardim as flores finas
Então de praz. r cheio eu te apanhava
As rozas mais gentis, mais frescos lirios
Com que as doiradas tranças enastrava
Desde então começárão meus martirios
Desde então que em meu peito provo a cha-
Tiranna occasião de meus delirios, (ma
Oh ninfa ingrata, a quem deveras te ama
Como vês sem piedade o triste pranto
Que o triste Anfrizo só por ti derrama?
Como póde esquecer-te, Ninfa, tanto
Aquelle tempo, tempo venturoso.
Do nosso do e amor tão puro, e santo
Quando apenas o raio duvidozo
Da Aurora no Orizonte reluzia
Buscava o teu cazal cheio de gozo
E juntos em alegre companhia
Sahiamos ao campo, e em doce festa
Sem o sentir passavamos o dia!

Ora as fructas colhendo da floresta
Ora os ninhos aos passaros furtando
Ora á sombra cantando pela sesta
Que vezes d'entre os trigos apanhando
O branco malmequer o desfolhava
Saber se me eras firme procurando?
Se entre as suas folhas encontrava
O presagio cruel de teus rigores,
E co' susto do rosto a côr mudada,
Me dizias então cem mil amores:
Se alguma couza Anfrizo te merece
Cre ao meu coração, e não ás flores.
Pois como tanto, o Clori, hoje te esqueço
Que sem de mim curar só te desvela
Seguir as feras pelo mato espesso
Quanto melhor me fôra amar Nigella
Posto que o cego amor ma não figura
Ném como tu airosa, n-m tão bella:
Ella com mil extremos me procura
Mil promessas me faz mil dons me envia
E que nelles manda a alma me assegura
Ella nunca de mim se apartaria
Ella a regar as flores me ajudára
Na serena manhã, na tarde fria
Ou quando a crespa murta eu tosquiára
C' os leves passarinhos competindo
Que cantigas de amor me não cantára?
E tu de meus extremos te estás rindo
Nem as queixas escutas desdenhosa,

Que por ti estou sempre repetindo
Porque cruel, porque! Porque és formosa!
Quem mais bella nasceo mais engraçada
Que na manhã de Abril a fresca roza!
Pois olha quem depressa desfolhada
Tão diferente está, do que antes era
Que de todos a triste he desprezada,
Já o inverno passou, e a primavera
Vem, de flores coroada, salpicando
De miudos jasmins a torcida hera
Os Zefiros suaves meneando
As machetadas pennas sutilmente
Por entre a verde murta andão voando
Ah bella caçadora, e quam contente
Passára as horas se quizera o fado
Que eu te tivesse agora aqui presente;
Quam satisfeito então de meu estado
Este ameno jardim cultivaria
Livre de qualquer outro vão cuidado
Então no facil buxo eu cortaria
Mil historias de amor, e mil figuras
Que por vivas as cresse a fantasia
Então despenhar-se-hião das alturas
De vistosas cascatas, os ouvidos
Co' murmurio alegrando as aguas puras
Os Ilis c'os Sycomoros floridos
De fresca sombra as ruas cobririão
Huns com outros então entretecidos
As nuvens em piramides isião

Os Ciprestes, a Anemona, o Jacinto
As Tulipas a ter a alastrarião,
Clori falsa, por quem morrer me sinto
Vem ver-me, e verás logo executado
Tudo quanto vanmente aqui te pinto
Não te envergonhe, não meu baixo estado
Que eu tão rude não sou, nem tão grosseiro
Q e não seja das Ninfas es imado
Inda que humilde, e pobre jardineiro,
Toco a lira que o terno Ovéro saudoso
Nas margens do Estrimon tocou primeiro
Com ella, e bem cantar póde extremoso
Mover o monte, a selva circunstante
Parar no curso o rio caudaloso
Mas ai triste! que monta? se bastante
A mover-te não he, ninfa mais dura,
Que dura rocha, ou rigido diamante?
Ah, terna Clori, a hum triste sem ventura
Que suspira por ti, arde, e desmaia
Que eterna fé, eterno amor te jura
Ago a que no Oriente a Aurora raia
Vem, ninfa, colheremos as boninas
Antes que o sol a prumo nellas caia
Aqui ha lagos dagoas cristallinas
Onde nadão mil cisnes, e cantando
Saltão nos ramos aves peregrinas
Ha fontes de registo que crusando
O ar, com seus cristaes as varias flores
Vão em suas chuveiros borrifando

Ha bosques de hera, e mu ta onde os amores
A sesta vem passar á sombra fria
Depostos os cruentos passadores
A vem antes que va crescendo o dia
E o sol o rosto teu volte trigueiro
Que a neve az perde toda a val.a
Aqui debaixo deste jasmineiro
Que soprado do Zefiro derrama
De jasmins sobre as murtas hum chuveiro
Onde á sombra da sua verde rama
Já repousando estive em teu regaço;
(Se he que reposo póde ter quem ama)
Poderás esperar hum breve espaço
Em tantó que das flores mais graciosas
Hum bello ramalhete aqui te faço,
Nelle os goivos porei, as brancas rozas,
O arar pois tanto sofro a teu respeito
As cecens, as angelicas cheirozas
Entre ellas meterei o amor perfeito
De tão variadas cores esmaltado
Por signal do que trago no meu peito,
Vem pois que amor te chama onde te brado
Bei a a montanha menos que ti dura
Mova-te a compaixão meu triste estado.
Que prazer achas dize? que doçura,
Em seguir ao raiar da roxa aurora
O cervo voador pela espessura?
Olha q e inda na selva a fera mora
Que deo ao bello Adonis morte feia

Inda a formoza Venus, inda o chora
O insano moço deixa Cythere
Envolta em mil suspiros, e assustada
Dos perigos que em vão não aprecia
Só por seguir na selva emaranhada
A temeroza corsa que se embrenha
Dos presumidos galgos acoçada
Onde, o' Adonis, onde te despenha
Esse cego furor o de te guia
Sem que o doce amor nos te detenha!
Deixas tirranno a minha companhia
Pelas feras que buscas? quanto temo
Que ellas castiguem tanta tirannia
Oh! que só em pensalo, stio, e tremo!
Assim Venus lhe diz, assim bradava:
Mas em vão se cansava o seu extremo,
Que seu pranto o cruel não escutava,
E em seus feros dezejos embebido
Na selva cada vez mais se embóscava
Quando ao encontro dos libreos seguido
Lhe sahe da mata javali furioso,
Que nelle emprega o dente retorcido
Cahio por terra o moço desditozo
Regando com seu sangue as tenras flores
As alvas mãos, e rosto tão mimozo
Em vão acodem Venus, e os amores
Que já seus bellos olhos tem cerrado
Da eterna noite os funebres horrores
Este caso fatal, e desastrado

(O Céo que em vão eu o não conte)
Odio te faça ao mato levantado
Deixa ninfa formoza, deixa o monte
Torna a este vergel no qual ha tanto
De meus olhos por ti mana huma fonte
Aqui purpureas rozas, amarantho
As Naiades para ti andão colhendo,
Da aurora rociadas com o pranto
Huma o branco regaço esta enchendo
De jasmins para ornar-te a loira trança
Outra hum longo colar te vai tecendo
Mas que alegre, que subita mudança
Vejo nas flores, vejo na verdura
Sim re uscita amor minha esperança
Mais suave regando as frescas flores
Mais leda a fonte placida murmura
Sim he Clori que chega, os pastadores
Na aldeia são entre as tamargueiras
Cercada vem dos galgos vosadores
Os ramos apartai, planta ligeiras,
Deixai passar meu bem que alegre chega:
Deixai passar meu bem plan as grosseiras
Ah doido Anfrizo! tanto amor te cega
O cego amor que entregue a vans quimeras
Deixas as tuas flores sem a rega!
Pelo monte a tiranna agora ás feras,
Sem de ti se lembrar persegue airoza;
E tu, que a ver-te venha ainda esperas?
Deixa esperança já tão enganosa

E busca para emprego a teus amores
Ninfa serão tão bella, mais piedosa.
Eu vou, vou arrancar aquellas flores,
Que n'hum verde allegrete te guardava
Pois pagas meus extremos com rigores.
Assim o triste Anfrizo se queixava
E com a turva enchente de seus olhos
Mais que com agoa seu jardim regava
Que, em vez de flores produzia abrolhos.

*Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

# PROTHEO

## IDILIO PISCATORIO.

MElanero, e Sargalio Pescadores.
Ambos de idade igual, ambos famozos
Pelo canto marinho estendendo
Da Arrabida na costa pela sesta
Ao sol as redes virão n'huma gruta,
Que a furia do mar bravo alli cavára

Na sobranceira rocha estar dormindo
O ceruleo Protheu em quanto as Phocas
Pelas musgozas lagens reclinadas.
Os limos prenhes d'agua ruminavão
Ha muito que apoz si elle as trazia
Pendentes das suaves esperanças
De hum dia lhes cantar huns brandos versos
Porém vendo-o agora estar dormindo
Arremetem com elle aos quaes se ajunta
A travéssa, e garrida Cimodoce
Cimodoce gentil ninfa das aguas
Das filhas de Nereu a mais formoza
E do barco co' as cordas o prenderão
Acordou o pastor, e por fugir-lhes
Em vão mil traças tenta, em vão mil formas,
Humas vezes em fogo convertido
Sóbe ondeando em crepitantes chamas;
Outras mudado em negro touro brama,
Ou de hum manchado tigre a pelle veste,
Ora como leão na adusta Líbia,
A encrespada melena sacudindo
Açoita as fortes antas com a cauda,
E as curvas garras vibra enfurecido;
Ora como ribeiro escorregando
Por entre as mãos já quasi lhes escapa:
Mas vendo em fim que nada lhe aproveita,
Começou a cantar; então veriaes
Socegarem-se as ondas, e das barcas
Que hião cortando o mar com vento feito,

Afferarem-se ao mastro as cheias vélas,
E como para o ouvir ficar paradas;
Porque (os accezos olhos retorcendo
E escumando) dizia o sabio vate
Depois que o Summo Author da natureza
Os atomos do nada produzira
Movimentos lhes deo onde enredados
Huns com outros daqui logo formára,
A terra com as plantas guarnecida,
O mar, e do seu centro os moradores,
Os Ceos, os astros fixos, e os errantes,
E os temidos em vão roxos cometas:
Cantou mais como sendo centro fixo
O sol da opaca terra o movimento
Com que esta pelo vão espaço roda,
Os seus raios cercando representa
Aos olhos dos mortaes que elle se move;
E logo porque sendo as aguas doces
De Amphitrite gentil nos verdes campos
Amargozas se tornem aos que as gostão;
E como pelo sol arrebatado
O mar ferva, se empóle, e aos Ceos se eleve
Mas pela opposta força reprimido
Sobre as praias descáia onde roncando
Humas vezes se estende, outras se enrola,
E porque o liquido ar sendo agitado
Ora bramando em furacões horriveis
Revolva o crespo mar em altas serras
Ora soprando com susurro brando

A's curvas praias leve as longas barcas,
Que o mar de oppostos rumos vem cortando.
Cantou mais como tendo menos pezo
Que igual volume d'agua as leves quilhas,
Sobre as ondas azues correm boiantes,
E tambem como os peixes nadadores,
Nas pequenas bexiga comprimindo,
Ou dilatando o ar que nellas guardão
Ou já sóbem velozes pelas aguas
A devorar as mentirozas iscas
Que nos curvos anzóes das canas pendem,
Ou já tremendo desção d'esconder-se
Nas frias lapas do profundo pégo.
Apoz isto cantou como se gera
Nas lizas conchas o miudo aljofar
E como sendo molle, e verde planta
Nas ondas o coral sahindo dellas
Em vermelho se torna, e se endurece,
E porque na orvalhoza opposta nuvem
Quebrando o sol o raio luminoso
O arco representa onde pintadas
Brilhão as sete cores que o esmaltão
E das conchas o seio se nos mostrão
Ora roxo, ora azul; ora amarello.
Cantou tambem da pedra portentosa,
Que sen o pelos atomos movida
No polo boreal as ursas busca
A isto acrescentou como roçados
Os doirados alambres de si lanção

Huns viçosos effluvios que dispersos
E pelo ar que os rodeia rechaçados
Os tornão a buscar como seu centro
Com as palhas que encontrão no caminho.
E logo refletio, como seguindo
Pelas praias de Tyro a ninfa bella
O namorado Alcides descobrira
Por acaso da murice na casca
A purpura que os Reaes mantos esmalta
A estas cousas ajunta como arando
Ouzado o grande Gama o mar soberbo
O feio Adamastor lhe apparecera,
E tambem o mancebo valeroso
Feliz Sebastião se nunca vira
Da barbara Cafuer o triste campo.
Aqui a voz hum pouco levantando
De outro grande varão as acções canta,
Que de espanto encherão a toda a terra:
Vira dizia, ó Lisia, o feliz tempo
Em que hade levantar tanto a cabeça;
Que chegues a tocar com ella as nuvens
Lograrás tanta dita quando pronto
Sobre ti vigiar o grande zelo
Do famozo Carvalho cujo nome,
Protheu dizia, cujo grande nome
De assombro me enche o peito, e de alegria
Este ainda menino pelas Musas
Foi do Parnesso á fonte conduzido

Onde Febo de cuvilo namorado
Para adornar-lhe a frente magestosa
Da cabeça tirou o sacro loiro:
Mas depois augmentando os doces annos
Do Tamisa verá as frias margens
E do grande Danubio os largos gelos
Alli deixando eterna a sua fama
A' patria tornará cheio de gloria
Onde o grande Senhor de vossos mares
Nos hombros lhe porá mui grande parte
Do pezo que nos seus se sustentava
Então ha de mostrar o Heroe famoso
Quanta virtude o grande peito encerra
Perseguindo a cubiça dando amparo
A' virtude sem causa maltratada,
Opprimindo a maldade inda em nascendo
Então ha de ferver nas vossas praias
O maritimo povo que contente
Nas curvas náos de drogas carregadas,
Passará defraudando o grosso panno
A buscar n'outros mares, n'outros climas
As que avara vos nega a natureza
Então lançareis vós as grandes redes
Sem temer de corsarios no mar alto;
E d'entre a fulva arêa, sem fadiga,
Colhereis o metal que o Tejo cria.
Assim cantava, quando já nas ondas
O doirado Planeta se banhava:

Dezatarão-no então os pescadores,
E forão-se a colher as negras redes.

*O mesmo.*

---

# IDILIO

## ELPINO, E FILONDAS.

*Filondas.*

Dize, Elpino, que fazes solitario
Entre estes salgueiraes? que coisa he essa
Que estás tan o de siso contemplando?
Ella pelo brilhar parece d'oiro.
*Elp.* Não erraste, Filondas, d'oiro he puro,
E vale muito mais do que hum rebanho
*Fil.* Deixa me, Elpino, a meu prazer olha a;
Que bem está cortada esta cabeça!
Parece que se move: o destro Alcandro
Que de Daphnis, e Cloe (1) toda a historia

(1) As pastoraes de Longo. Este Idilio foi feito por occasião de huma medalha que o

Do rico Alphezibeo cortou n'hum copo
A's figuras não deo tanta viveza
E com tudo entre nós he o primeiro
Em tarros entalhar, e lavrar rozas,
Elle para Almarinda me fez huma
E por ella lhe dei dois cordeirinhos:
Mas tornando pastor ao nosso conto
Este rosto tão grave, e magestozo
He no meu entender do loiro Apollo
Ou de Mercurio o Nume representa.
*Alp.* Enganas-te pastor he o retrato
D'hum mortal, mas mortal quasi divino
Que vence no saber Mercurio, Apollo,
E no valor o bravo Deos da guerra.
Não te lembras daquelle bom soldado
Que de hum longo rio... oh como se chama?
Lippe, Lippe he, pastor, e não me engano
Correo a defender os Lusos campos
Quando o feio Espanhol vinha queimando
Os nossos pastos nossas arroteos?
*Fil.* Bem me lembra e tambem que elle manho-
Dos contrarios assim enfrea a furia
Como nos quando erguem o hum novo às u-
Com ra[illegible]s, e com pedras que lhe oppomos
A corrente do rio represamos.
He pois esse que estás vendo o seu retrato

---

Conde Reinante de Scaumbourg Lippe mandou ao Author de Alemanha.

*Fil.* Que fraca dos mortaes he a memoria!
Agora a divizar começo nelle
No sublime semblante o grave aspecto
O proprio, Elpino, he que bem tracada
De seu rosto aqui vejo a magestade!
Muito sabem os homens que tal fazem!
E que letras são estas que o rodeão?
Tu que és o mais gabado destes montes,
E de adivinhações famoso mestre
Saberás declarar-me, o que ellas dizem
*Elp.* Palavras são de sabios, são escritas
Em linguagem que nos não conhecemos
Mesmo que á força d'hervas encantadas
Em fera se converte, em ave, em peixe
Que os silvos das serpentes que dos corvos
O grasnar azarado, e das rapozas
Entende o regougar perfeitamente
A Silvio as explicou huma por huma
Estas que em torno estão do grande vulto
Guilherme diz em só Conde de Filipe
E de outra tenta mais que não acerta
A lingoa a proferir por mais que teime
As que em roda se lem da outra parte
Por Capitão supremo o apregoão
Dos gentes Lusitanas, e aquelostras
Que abaixo dessa flor estão gravadas,
Querem dizer, se acaso bem me lembro,
Que em premio de louvor este retrato
As forças se ha de dar de grande genio

*Fil.* E estas que aqui estão encadeadas?
Lembrar me fazem os alamos da fonte,
Que os ramos entre si tem enlaçados
*Elp.* Estas querem dizer, que este retrato
Na presente colheita foi livrado
*Fil.* Suspenso Elpino estou do que te escuto
Eu tinha para mim que quem sabia
O modo de curar de huma manada
Ordenhar as ovelhas, tosquealas,
Pestetar os cabritos a seu tempo,
Curalos da gafeira, e máo olhado,
Quejar, fazer os cardos, e outras coisas
A' rustica tarefa pertencentes
Era hum homem de conta; e agora vejo
Que comparar o pouco que sabemos
Com o que sabe a gente da Cidade
He comparar as baixas tamargueiras
Com o frondozo cedro, ou alta faia
Ou os tenros novilhos com os toiros;
Mas onde achaste tu tão rica pessa?
Foi acaso entre as bastas mandregosas
Que crescem junto ás hortas de Cidralio,
Onde como nos serões Gorgonos conta
Por encanto de tres malignas fadas
Este grande tezoiro soterrado?
*Elp.* Não amigo pastor: o varão grande
Lá de seus campos ma mandou em premio
D'huns versos que cantei em honra sua
Já eu da sua bocca tinha ouvido

Quando no Tejo me fallou benigno
Estas palavras que no peito gu.rdo
Em quanto o Ceo te dá pouco rebanho
Canta sabio pastor que a tua lira
De cantar grandes coisas sóhe digna
*Fil.* Oh ditozo pastor que de tão longe
A teus versos achar fôste o premio
Que em nossos campos por desgraça he raro
Nelles habita só a negra inveja,
E apenas vem brotando a nova planta
Quando o monstro com bafo venenozo
A cresta: não fizera tanto estrago
O capro venenozo se a roera
Em tempos mais atraz, ao grande Ulisso
Porém tu a móu ver com esse premio
Comprar de Albano todo o gado pódes
*Elp.* Nisso mostras, pasto:, o quanto és rude
E que o preço das coisas inda ignoras
Se mil cabras me derão, mil cabritos,
Mil vaccas, mil bezerros, mil ovelhas
Por ella certamente a não trocára
Eu comigo a trarei em quanto vivo,
E morto com a minha doce lyra
De Coridon será, ou do meu Tirce
Se os destinos crueis com vida os deixão
E quando não do bom pastor Silvano
*Fil.* Seja assim, como dizes: mas agora
Que detraz desse monte o sol se esconde,
Agora que começão pelas covas

Os ralos a cantar, e vai correndo
Com tanta ansidão o Guadina
Que nelle as roxas nuvens se estão vendo
Do grande nome em honra cantar pódes
Alguns roneros versos: eu a lira
Tocarei brandamente; não te offereço,
Em premio das cantigas, oiro, ou prata,
Que seu pobre pastor de alheio gado,
Mas hum novo surrão da moje pele
De hum cerval lobo que desaz do fato
Eu me mo' derrubei co' melam puro
E se ainda não ficares satisfeito
A lira te darei, e o meu cajado
De forte zambujeiro de azevíche
Por obra de Dozon todo embutido.
*Elp.* Oh rustico Filondas: o seu nome
Senão ha de cantar como os feitiços
Da lavradora Aglaura, ou como as queixas
De Anfrizo jardineiro; melhor lira,
Mais tempo querem, querem mais cuidado
Olha não vês ao longe fumegando
Os tetos dos cazaes que mais aguardas?
Esperas que se cerre a escura noite
E que o lobo te furte algumas cabras
Leva do pasto pois o teu rebanho
No bárdo a descançar que eu na cabana
Com grande fogo, nozes, e castanhas
Por ti esperarei: lá poderemos
Cantar em abastança os seus louvores

# TIRINTO

## IDILIO VENATORIO.

NAs margens do Sever ao meio dia
De seus ligeiros galgos rodeado
N'hum rolico sovreiro recostado
O caçador Tirinto assim dizia:
*Tir.* Ah Leucade formosa, onde te escondes
Destes meus olhos de chorar cançados:
Quem te tapa os ouv dos que a meus brados,
Por mais, e mais que grito não respondes?
Porque foges da minha companhia?
Oh ninfa desleal, e ao vento deste
Tantas promessas, quantas me fizeste?
Promessas que invejoso amor ouvia?
Não sou por acaso inda Tirinto
Esse mesmo Tirinto a quem juravas
Que a vida só por elle he que estimavas?
Ah que inda o mesmo sou por meu mal sintel
Por ventura quebrei o juramento
De te adorar em quanto fosse vivo?

Ou tenho dado algum outro motivo
Para o teu rigorozo apartamento?
Nós, Nínfas, destes bosques, vós pastores
Faunos, Silvanos, Deoses montanhezes,
Vós o sabeis, sim vós, que tantas vezes
Chorar me tendes vis o seus rigores.
Depois que me deixaste, Ninfa impia,
Tudo na selva, tudo me entristece
Até a mesma cassa me aborrece,
Que n'outro tempo foi minha alegria:
Se ás vezes saio ao monte he tão sem gosto,
Que por de mais as selvas só fatigo,
Vejo a preza correr, e não a sigo
Mil vezes de elevado em meu desgosto.
Este o mesmo sitio he; nunca sem magoa,
Ou se cubra de flores, ou de abrolhos,
Nelle os olhos porei, meus tristes olhos,
Sem que todos se arrazem logo d'agua.
Este o mesmo sitio he, onde primeiro
Te vi tirsando airosa o frio dardo,
E onde o fogo voraz em que hoje ardo
Accendeo em minha alma o Deos frecheiro
Na montaria foi que fez Montano
Depois que o pão se recolheo das eiras
Ao fero javali, que ás sementèiras,
E defezas causava tanto damno
Ajuntárão-se nella os moradores
Das visinhas aldeas, Nemeroso,
Silvio, Montino, Linco, Agrario, Algoso

Cortilo, e outros muitos caçadores.
Começou-se a batida, e onde o mato era
Com os ramos das arvores mais basto;
Os cães se mettem que seguindo o rasto
Sahir fizerão d'entre a mata a fera
Foi Linco que em vão encontrou primeiro
O destro Algoso o segue, e a mesma dita
Encontrou como a mais turba infinita
Que a remessa de dardos hum chuveiro
Roncava em tanto a fera, e arrisando
Do lombo ás crespas cerdas, e pungentes
Largo campo fazia com os dentes
As esteras, e cães despedaçando.
Tu então armando o arco, ambas as pontas,
Puxando a corda com destreza uniste
Voou a seta com zunido triste,
E na testa lha cravas, onde apontas
Cahio o feroz bruto, vomitando
Rios de sangue pela bocca fria;
Gritão os caçadores de alegria
Teu nome em altos vivas celebrando
Tu então, o cruel, cheia de gloria
O grande cerco fostes torneando
Da gente os olhos após ti levando,
Que te roga mil bens pela victoria.
E ao passar junto a mim, Ninfa formoza,
Amor te offerece, disse, maior palma:
Igualmente, que a fera, esta minha alma
Até os olhos se rende hoje gostosa

Olhas-te-me risonha ao mesmo passo
Cahir deixaste como por descuido
(Oh Ceos! Eu enloqueço, quanto cuido)
Das doiradas madeixas este laço
Eilo aqui oh cruel que desde essa hora
De trazelo comigo nunca deixe:
Com elle me consolo, e em vão me queixo
Da tua sem razão ninfa traidora
Oh laço hum tempo já penhor constante
Destas selvas do amor mais puro, e santo (1)
Recebe agora meu amargo pranto
Pranto que não merece huma inconstante
Desde então, que em estreita câmpra
Sempre nos encontrou pela espessura
Na tarde raudosa a noite escura
Na fresca madrugada o claro dia
No Oriente inda bem não assomava
Da estrella d'alva o raio duvidoso
E já junta dos feixos de Trigoso

---

(1) Honesto, livre de dezejos impuros, e (se quizerem) hum amor platonico neste sentido chama Ferr. no liv. 2. son. 4. a seu fogo santo.

Eu perdi meu bem: tu, Amor, tua gloria
Eu o meu sol, e tu teu doce fogo
Honesto, e justo...

Com as redes, o cães eu te esperava.
Alli porque tu calto delicado
Não trilhasse eu te tomava, a falsa
O rasteiro furão na estreita balsa
Que a tiracol trazias pendurado
E juntos em alegre companhia
Buscavamos os matos onde armando
Ora a rede, ora as feras acossando
Passavamos gostosos todo o dia
Até que pouco a pouco escorregando
A noite das montanhas imminentes
Para a aldea tornavamos contentes
Em os cintos a caça pendurando
Que fera, ou ave então nesta espessura
Por mais brava, que fôsse, e presentida
Ou não rendeu ás nossas mãos a vida
Ou dos laços sutis voou segura
Quantas vezes na cama descuidada
Colhemos viva a lebre em vão ligeira?
Quantas vezes no meio da carreira
Aos ares pelos cães não foi lançada?
Quantas seguimos pelo mato alsado
O coelho sagaz, que não escapa
Ou entre as fragas da escondida lapa
Ou na mancha entre a esteva aos cães furta-
Quantas a tela armamos na vareda (do?
Aos gordos perdigões? A quem chamava
A perdiz arruida, que cantava
D'entre os ramos, que a densa moita enreda?

Quantas á sombra de hum pequeno ramo
A falsa ichó armamos ás perdizes?
Quantas no trigo as cegas codornizes
A rede careamos ç' hum reclamo?
E vós o rouxinol que nos montava
Tecer no fundo bosque os moles ninhos
Se delles em penuge inda os filhinhos
Mil vezes para Leucade roubava
Nem tu cerdoso bruto bem q e armado
De navalhado dente, divie e tavas
Dos ardidos lebreos nas matas bravas
Ou pelos enxurdeiros vis deitado
Lembra-me ora a manhã que armando a rede
As leves avesinhas n hum ribeiro
A' sombra nos pozemos c hum salgueiro
A espe ar que as trouxesse a elle a sede
Doirando vinh, o sol os alt s cumes
Dos montes desiguaes, os passarinhos
Gantavão cento, e cento nos raminhos,
As flores exalavão mil perfumes:
Por entre as espadanas escumando
Corria tão serena a clara veia
Que no fundo se via a fina area,
De pedrinhas coberta estar brilhando
Tão cedo o prado e tava tão gracioso
Que n s almas ao velo se infundia
Hum não sei que, que de prazer enchia
O coração mais triste, e pezarozo
Tu então as boninas apanhando

Que sem conto esmaltavão a verdura,
Em quanto de amor cheia, e de ternura
Com ellas o chapeo me foste ornando:
Pelas setas do amor, pelos teus olhos,
Pelas ninfas da selva me juraste
Que as flores (e as boninas me mostraste,
Que tecias com arte em varios mollhos)
O ribeiro, que placido corria
Dos passaros o canto a mesma cassa
Nada prazer te dava, e em nada graça
Achavas sem a minha companhia
Juraste: e de repente hum pé de vento
Da raiz arrancou hum verde loiro;
De meu mal foi por certo claro agoiro;
E então nem tal me veio ao pensamento
Tanta era a fé, tão grande a segurança,
Que em ti fazia; tanta que antes crera
Que mudaria o sol a propria esfera
Que em ti houvesse a mais leve mudança
Desta arte me enganavas, fementida
Mas era tão suave hum tal engano,
Que oxalá permittia amor tirano
Desta arte me enganasses toda a vida!
Desta arte me enganavas, e eu te cria
(Que se crê facilmente o que contenta)
Mas oh Ceos! que entre as flores alimenta
A peçonha mortal a cobra fria
Pois quando mais fiava em teu excesso
A Diocon te entregas-te. Amor, que o viste,

Como, dize-me, em paz o consentiste?
E he este o galardão que te mereço?
A Dracon a mais bella cassadora
Destas selvas se entrega, e deixa fera
O seu Trinto! Ah Ceos! que não se espera?
Se aos rusticos Dracon Leucade adora?
Terão de hoje em diante o mesmo abrigo
As pombas, e os faliões, o assor, e a guça
Contentes salt ráõ na mesma sarsa:
Será da lebre o galgo doce amigo:
Alambres os silvestres amtiçiosos,
Suaráõ, suaráõ mal as giestas,
Se á Orpheo, Amintas nas florestas,
Os cervos fugiráõ d'agua ligeiros.
Oh ninfa mais gentil, mais agradavel
Que a estrella da manhã, porém mais dura
Que as feras, que persegues: por ventura
Com ellas aprendeste a ser mudavel?
Não, ó tirauna não: que a natureza
(Que magoa ao contemplallo n'alma sinto:)
Se avara de seus dons a seu instincto
A razão lhes negou lhes deo firmeza
Olha Leucade fusa, a pomba amante,
E verás que se perde o seu consorte,
Fiel ao doce amor até á morte
Em casta solidão vive constante.
Essa rola, que tão saudosamente
Gemendo aqui está neste sovreiro,
A pena sente do leal parceiro,

Que talvez matasses cruelmente
Mas oh doido de mim! oh sem ventura,
Que estas queixas em vão repito ao vento,
Pois aqui ninguem ouve meu tormento
Mas que as aves, e feras da espessura
Vós oh ninfas das selvas, vós montes
Por quem em vão jurou esta traidora,
Que estaes dos olhos meus a tôda a hora
Vendo estilar de pranto duas fontes
Se a'gum dia adormei vossos altares
Das pontas do vivaz cervo galhudo
Ou da pelle do porco serdaudo,
Vingai ó bellas ninfas, meus pezares:
Sim, ninfas, por seu mal a ingrata aprenda
Em abono das suas falsidades
A não chamar em vão as divindades;
Haja pois que me offende, quem a offenda
O veneno cruel que me dévora,
Prove a tiranna, ella mesma veja
Nos braços de outra o bem, que mais dezeja,
O' rustico Dracon a quem adora
E que fazás, Tirinto? os seus favores
Verás outro lograr ditoso em tanto
Que te estás derretendo em largo pranto
Como a neve do sol aos resplandores:
Não não outra ribeira, outra espessura
Irei hoje a buscar, e no desterro
Pagarei, como proprio o alheio erro,
Já que assim o dispoz minha ventura

Fugirei para os campos, onde a gente
No lustrozo azeviche a côr conserva,
Onde queimando o sol a tenra herva
Dos rios secca a liquida corrente
Ou para onde com alta neve os montes
Sempre branqueando estão, onde co' frio
Se endurece, e macisso torna o rio
Orde se gela o mar, gelão-se as fontes
Alli fugindo a perfida esperança
Que para mais pezar inda me segue
Verei se a força do meu mal consegue
Ou a vida tirar-me, ou a lembrança,
E tu, que a tal amor, tal premio déste,
Leucide falsa, logra em paz a vida,
Logra, mas ai! Que ainda arrependida,
Mas tarde chorarás o que perdeste
Adeos, tiranna, pois jámais teus olhos
Verão hum infeliz: e vós, oh montes
Nunca mais de meu pranto as vivas fontes
Faráõ sem fim crescer vossos abrolhos.
Adeos, selvas, adeos, clara corrente,
Do placido Sever, valles, oiteiros,
Adeos, ninfas gentis, adeos monteiros,
Adeos fcai em paz eternamente,
E tu, minha matilha, que algum dia,
Em quanto não senti de amor o enleio,
O meu cuidado fôste, o meu recreio,
Procura mais ditoza companhia
Vai-te, minha Leisca, na montanha

Como d'antes, persegue as brutas feras:
Que saltas que me ques de mim, que esperas?
Vai te, que eu vou morrer em terra estranha
Aqui, d'alma arrancando hum grande gemido
Que o ecco repetio dos fundos valles,
Emudeceo: que a força de seus malês
Transtornando o deixou, e sem sentido,
Porém, tornando em si, logo arremessa
O arco n'huma parte, n'outra a aljava,
O corno n'outra, com que os cães chamava,
E a embrenhar-se correo na mata espessa.

*O mesmo.*

# JOLAS

## IDILIO PISCATORIO.

N'Huma longa enseada, que o remanso
Do claro Tejo forma ha huma gruta
Do lasso pescador certo descanço
Cobrem d'hum lado, e d'outra a penha bruta

Curvos anzóes das canas pendurados,
E a nodosa rede inda mal enxuta.
Cestos de lentos vimes fabricados,
As boiantes cortiças, e os chincheiros
Pela musgosa lapa estão lançados
Aqui em quanto os outros companheiros
Os ruivos lagostins inda saltando
Cozem na sesta em torno dos brazeiros
Jolas; as longas massas entalhando,
Ao som, que o claro Tejo alli fazia
Por entre os lizos seixos escumando,
Soltando a doce voz, que suspendia
Na furia da tormenta o pégo inchado
Ao mar, que o vento encrespa, assim dizia:
O' aguas deste rio prateado,
Dizei se acaso vistes Galatea,
Galatea o cazião de meu cuidado?
Ha seis dias, que andou da solta area
Comigo os crespos buzios apanhando,
De que o mar esta praia toda arêa.
Jurou-me que, em o claro sol tornando,
A ferir vossas ondas, tornaria
A ouvir de meu amor o rogo brando.
Ainda bem não brilhava o novo dia
Já eu na praia allegre a esperava
Mas não veio a cruel quem tal diria!
Cuidei que lisamente me fallava:
Oh quam faceis em crer são os amantes!
E a ingrata, sem piedade me enganava.

Nunca o furor dos ventos sibilantes,
Que cahindo no pégo socegado
Em serras torna as ondas inconstantes,
Tanto nojo me deo, tanto cuidado,
Quando na leve barca entregue ao vento
Ao mar deitava as redes descuidado,
Quanto este rigorozo apartamento,
Que apoz si o prazer me vai levando,
E oxalá me levára o fraco alento!
Galatea a toda a hora estou bradando,
E Galatea a eco só responde,
Que me está dentre as penhas escutando.
Ah formoza inimiga, onde estás? onde
O tempo gasta? Quem a luz serena
Dos teus olhos gentis dos meus esconde?
Já te esquece do Tejo a praia amena,
Em vão que nas sestas passa as tão gostoza
Do teu Jolas ouvindo a doce pena.
Já te esquece essa tarde deleitoza,
Em que as flores me déste
Meia risonha, meia vergonhoza?
E por signal Palemo, que deitado
Por ver nos, entre as redes espreitava,
Cheio de ira as rempeo desesperado
Como Jolas então ninguem cantava,
Jolas em tua bocca tão graciosa
Então a todo o instante se escutava
Ah deixa, deixa a auzencia rigoroza,
Torna ao teu pescador, que inda te ama

O' Ninfa tão cruel quanto formoza.
Olha que o mesmo amor te espera, e chama
O mesmo amor, que sigo, e com mil zelos
Me abraza o coração em viva chama.
Esses teus olhos para mim mais bellos
Que a praia de vieiras marchetada,
Deixa-me antes que morra huma vez ve-los
Nunca com maior ancia suspirada
Foi por mim na importuna calmaria
A viração que a véla faz copada
Como esse venturozo, e ledo dia,
Em que veja outra vez teu lindo rosto:
Se hoje fosse de gosto morreria.
A teus olhos azues tenho composto
Mil versos que me tem amor dictado;
Vem, se queres, de ouvilos ter o gosto.
O outro dia cortava descuidado
Co' surdo remo as aguas socegadas
Quando me vi dos ventos salteado:
Crescerão pouco a pouco as empoladas
Ondas o Ceo se foi todo cerrando
Com densas nuvens d'agua carregadas.
Fur da vida a esperança alli largando
Quiz imitar o cisne, e em triste accento
Hum destes brandos versos fui cantando.
Mas apenas soou vê, que portento!
Teu nome no meu canto logo plano
O bravo mar ficou, quieto o vento.
Oh loira Galatea, se eu te engano,

Sepulte-me em seu centro o mar furioso
Antes de ver teu rosto soberano
Os delfins para ouvir-me o fundo algoso
Desamparão, tu serras-me os ouvidos,
Qual aspide cruel, e venenoso.
Quantos saudosos ais, quantos gemidos
Tenho por ti ao vento derramado!
Ah! que todos, ingrata, são perdidos
Ando da vida já tão enfadado,
Que o saveiro deixei desde antes d'hontem
Em cima d'humas pedras encalhado.
Logo que o sol assoma no Orizonte
Por ver se te descubro, o' Galatea,
Subo o cume escalvado desse monte.
Para a parte onde fica a tua aldea
Os longos olhos lanço, e nada vejo
Mais do que branquejar ao longe a area.
Dalli me desço triste, e busco o Tejo;
Mas inda bem não toco a praia quando
Torno a subir forçado do dezejo
Desta arte as largas horas vou passando,
Cercado de esperanças, e temores:
E tu, falsa, de mim andas zombando.
Se te enfadas de ouvir os meus clamores,
Não deixes, vão por isso a fresca praia,
Deixarei de fallar-te em meus amores
Olha como sereno aqui se espraia
O claro rio, como levemente
Borrifa os verdes ramos desta faia.

O zefiro soprando lentamente
A ralma abranda; os peixes prateados
Andão saltando fóra da corrente.
De pardo os brancos buzios salpicados,
E as conchas, que a cor tem do arco celeste,
Estão por estas grutas alastradas
Lugar mais bello, mais ameno que este
Os meus olhos não virão, i da quando
A fresca primavera os campos veste.
A hum suave descanço provocando
Tudo está; té as carcomida penhas
Te estão com doce sombra convidando
Vem, o' ninfa gentil, não te detenhas
Torna a ver como as ondas espraiadas
Em escuma se soltão nestas brenhas
Vem e verás no pégo retratadas
As estrelas de noite, e lá na tarde
As brancas nuvens d'oiro perfiladas.
E em quanto pela secca a area arde
Eu cantarei á sombra de hum rochedo,
Que os raios do sol tambem te guarde.
Descanso mexilhões entre hum rochedo
O outro dia apanhei hum Massarico
Ah! não fiquei em mim, Ninfa, de ledo!
De encarnado, e azul até ao bico
He todo matisado, outro tão bello
Que os teus olhos não vissem eu te fico.
Inamene que o sabe para telo
Que não faz? mas em vão, em vão se cansa

Que eu para ti o guardo com disvelo:
De canas para o ter com segurança
Hum viveiro lhe fiz com junco prezas:
Vem a buscalo, vem deixa a tardança
Se por pobre esta dadiva desprezas
Não deixes não de ir o' Ninfa impia
E riquezas terás, se ques riquezas
Não fallo do coral, que n'agua fria
Do mar nasce: na purpura brilhante,
Que na casca do murice se cria
Alcam que hum mar de nós muito distante
Já vio, e n'outro as redes tem lançado,
Onde o aljofar se pesca rutilante,
Ouvindo-me cantar aqui deitado,
O' branca Galatea, inda mais bella
Que o reflexo do sol no mar salgado
Huma concha me deo, e dentro nella
Tres perolas mais puras, do que a neve,
Mais que o orvalho da matutina estrela
Ninfa desta ribeira inda não teve
Outras tão ricas: olha, se as quizeres,
Tu tas darei, cruel, por preço leve
Não te peço, que m'ames, pois não queres;
Mas sim hum só volver d'olhos piedozos,
Com que este coração de amor me feres.
Inda Jolas seguia os maviozos
Accentos, com que as ondas amansava,
E os ventos de escutalo cutiçozos
Quando o velho Licon o despertava,

Interrompendo a musica sentida
Co' rouco som da voz com que bradava
Chamando-o para a rustica comida.

---

# EGLOGA.

*Elpino Nonacriense aos Pastores da Arcadia na primeira conferencia, que foi a 19 de Julho de 1757.*

PAstores, que habitais nas frescas mar(gens
Que o namorado Alpheu saudozo banha
E vós que no Paternio, e no Elceto,
No Liceu, no Cileno, e no Erimantho
Sublimes montes da famoza Arcadia
Vigilantes guardais vossos rebanhos.
Se quereis ver nas selvas renovado
Do canto pastoril o antigo preço,
Se do grande pastor Siracusano
De Tytiro, de Aminta, e de Sincero,
De Mirtilo, de Amascio, e Nemoroso,
Lereno, Alcido, Agrario, e outros pastores

Que tem feito entre nós tão celebrada
A singular doçura de seus versos,
Quereis ver igualada a melodia
As ribeiras deixai, deixai os montes
E do Menalo ás faldas vinde todos
Ao Menalo, pastores, onde as Musas
Tornão a florecer; alli cantando
Vereis ao doce Tirce os seus amores.
Tirce gloria da Arcadia amor das Musas
Que com a suavidade de seus cantos,
E grato som de sua lira move
Os antigos pinheiros do alto monte,
Alli vereis tão bem entre as ovelhas
Sobre a viçosa grama recostado
Docemente cantar o sabio Almeno,
Almeno, que os pastores não despreza
Q' Apollo tão bem foi pastor de Ademeto
Ah! que gloria tereis, sabios pastores,
De Corydon ouvindo a branda lyra
Com a qual costumava o louro Apollo
Nas ribeiras de Anfrizo entre o seu gado
Mover os montes abrandar as feras
O mesmo Deos lha deo ouvindo-o hum dia
Pelos montes de Cintra andar errante
De hum innocente amor as doces mágoas.
Que gozo provareis quando escutardes
Do brando Almino, os deliziozos versos
São mais doces, pastores, mais gostozos
Que os frescos requeijões, as moles natas,

Que harmonia achareis no nosso Fido
Em Sceno, Silvano, e mais pastores
Que no monte apascentão seus rebanhos
Tão brandos, e sonoros são seus versos
Que as Naiades formózas, e ás Napeas
Deixando as frescas grutas adornadas
De ramos, de coral, de musgo, e conchas
Para ouvilos estão todas suspensas
Tem as louras cabeças fóra d'agua:
As Oriades tambem largão os montes
De seus canoros e os attrahidas
E embebidas na musica sonora
Já da antiga iz mão tanto se esquecem
Que tecem graciozissimas corças
Ao doce, e brando canto dos pastores
Com os agrestes Deozes da montanha
Oh! tres vezes, e quatro venturozos
Guardadores, a cujas brandas vozes
Tanta efficacia as Musas concederão
Sempre de fina e branca lã coberto
Se veja o vosso gado, os vossos tetos
De saboroso leite sempre abundem
Nos vossos campos rasça o verde trigo
Sem que seja preciso o semealo
E as arvores silvestres vos derramem
Mel mais doce que os doces favos de Hibla
Pois por vós vemos hoje renovada
A antiga idade de ouro, a antiga gloria
Das frautas pastoris, do rude canto

E vós outros, serranos a que inflamma
O puro coração, o amor da gloria,
E quereis ser no Menalo famozos
Os meus pastos seguri que neste dia
(Oh! dia mais feliz, mais venturoz)
De quantos tem cantado a nossa Arcadia
Sempre o sol com raios te illumine)
Seus jogos os pastores principião
Ah pastores da Arcadia tão ditozo
Dia notai, notai com branca pedra
E por grande, e feliz com bom agoiro
A vos os jogos seja consagrado
Nelle debaixo dos pezados jugos
Não gemão os novilhos opprimidos
Mas ornados de rozas, e assucenas
Já em fim do repouso appetecido
Descancem pelos pastos os bezerros
Pendão pelas cabanas os arados,
E porque de letra eterna se conserve
Entre nossos vindouros a memoria
O seu nome escrevei nas duras penhas
Dos altos montes, na aspera cortiça
Dos carvalhos, nas cascas dos pinheiros
Sempre nas vossas praticas se louve
Cantado seja sempre em vosses versos
Ah! sim pastores vi de, vinde ao monte
Pelos pastos deixai vossas ovelhas
Sem temer de que os lobo as offendão
Que em dia tão feliz até as feras

Perdem a natural ferocidade
Mas que brilhante luz enche os meus olhos
Que doces ecos ferem meus ouvidos
Ah! já vejo os pastores já escuto
Os seus cantos, ah! como as avezinhas
Dos implumes filhinhos esquecidas
Estão nos densos ramos da floresta
De seus doces accentos pendurados!
Aqui está Sileno, alli Albano,
Este he Alcieno, aquelle Nemerozo,
E este loiro mancebo que cercado
De tantas ninfas anda diligente
Pelo prado colhendo as bellas flores
Quem será? ah! perdoa, o' sacro Apollo,
Tu mesmo és? (a sublime maravilha)
Que das sagradas musas rodeado
Com as divinas mãos andas tecendo
Grinaldas de assucenas, e de loiros
Para cingir a frente dos pastores,
Mas que novo prodigio me suspende,
Que admiravel que subita mudança
Em brancos cysnes vão convertidos
Pelo immenso, e fluido ar os meus pastores
De suave armonia enchendo o mundo
O' pastores do Menalo aonde ides?
Aonde vaes sem o vosso Elpino
Esperai, esperai que eu já vos sigo
Já, já de plumas candidas coberto,
Me vejo já da terra me levanto

Já o liquido ar cortando vôo
E por vos alcançar rapidamente
As leves pennas movo, augmento os giros;
Mas debalde impaciente as azas bato
Que são muito sublimes vossos vôos
De cá vos seguirei, já que não posso
A tão immensa altura remontar-me!
E de longe imitando os vôos vossos
Não só na Arcadia; mas em todo o mundo
Farei de Elpino o nome celebrado.

*O mesmo.*

*Idilio pastoril aos felicissimos desposorios do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Manoel Bernardo de Mello de Castro e a Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Domingas de Noronha.*

## DAFNES, DORILO.

*Dafnes.*

POrque (pois ambos juntos nos achamos
Eu a cantar, tu a cantar disposto)
Porque Dorilo hum pouco não cantamos
A lua vem mostrando o branco rosto
Por detraz desse outeiro, da ribeira
Na margem nos sentemos, se he teu gosto.
*Dor.* Antes debaixo aqui desta parreira,
Que enrolada nos ramos do alto ulmeiro
Tremendo encrespa a viração ligeira
Nos sentemos meu Dafnes tu primeiro
A cantar principia, eu sou mais moço,
E devo ser no canto o derradeiro.
*Daf.* E quem se atreverá no monte nosso
Onde cantas, cantar se o teme Umbrano?
Mas farei pois tu que queres quanto posso

Os versos que compuz (ha elle hum anno)
Ao grande Melio que em rea estranha gente
Eterno fez o nome Luzitano
Cantarei se a memoria me não mente
Estes por certo são, ouve me attento
Porque observas Lamon tão fixamente
Dos planetas o antigo nascimento
Eis huma nova estrella se levanta
De benigna influencia, e luzimento
Já sua clara luz a terra e pranta
E em seu justo louvor cheia de gozo
Esta ribeira novos hymnos canta
Hum verde altar...
*Dor*... Que tens pastor gracioso
Que a cantiga sus entes começada,
Que escutando te estava tão gostozo?
Ah Dafnes assim negra trovoada
Que anojando corisco s, e semelhas
Espalha pelos montes a manada
Nunca faça abrotar tuas ovelhas
Assim achem no estio sempre o prado
Coberto de alecrim tuas abelhas
Que no canto prosigas começado.
*Daf.* Falta-me a voz pastor, falta-me alento
Para assumpto cantar tão levantado
O verso não he vil, he nobre o accento
Mas a voz rouca, e bai a ao repetilo
Não o posso ajustar por mais que o intento
Tu porém, suavissimo Dorilo,

Já que comtigo as Musas repartirão
Huma sonora voz, hum brando estilo
Canta ora os doces versos que te ouvirão
Nas vodas de Damon os guardadores
Que depois tanto tempo repetirão.
*Dor.* Não amigo pastor outros melhores
Te cantarei senão me engana a idéa
A vozes não tão feitos de pastores
As Tagides gentis na solta area
Huns repetião outros os saltantes
Faunos ao brando som da clara vea
Os alemos, ao faias circunstantes
Para ouvilos corrião; não batia
Fresco Zefiro as azas susurrantes
E eu que a ha har levava na agua fria
Do Tejo as loiras vaccas suspendido
Largo espaço fiquei com a harmonia
Te que cobrando o espirito perdido
O canto que lhe ouvi fui escrevendo
No tronco d'hum sicomoro florido
*Def.* Pois canta meu pastor que eu já te at-
(tendo.

*Coro das Tagides.*

Ha maior injustiça? huma donzela
Tão terna, tão mimosa
Ao coro de Diana consagrada
Mais branca que o jasmim, e mais formoza
Que na manhã de Abril rozada, e bella

A matutina estrella
Muito mais pura muito mais guardada
Que em cercado jardim flor delicada
A hum guerreiro se entrega
Bem que a seus pés prostrado
Em ardentes desejos abrazado
E a nossa companhia se nos nega?
Ah que mais o inimigo executára
Se estas nossas ribeiras assolára?

*Coro dos Faunos.*

Que coisa póde haver mais ajustada
Que dar a esposa ao esposo que a merece
Que conhece seus dotes, e que os ama?
Pelle ao galhardo Marte se parece
A mãi d'Amor das graças rodeada
A ninfa delicada
Hum pelo outro em suave ardor se inflamma
Doces suspiros, doces assentama
Leve pois em boa hora
A timida donzella
O marcial heroe: e a ninfa bella
Liga contente quem contente adora
Que do casto hymineo (1) o nó sagrado

(1) Hymineo Deos que seguindo a Mythologia tinha o cuidado das nupcias. Esta

Inda almas mais iguaes não tem ligado.

*Coro das Tragidas.*

Ah cruel Hymeneo que tirannia
Póde a tua igualar? Tu do regaço
Da mãi saudoza, a filha dedicada
Arrancas inhumano, e em duro laço
A tris e prendes cheia de agonia
Os jogos, a alegria
Da tenra idade suspirada

---

apoteose teve origem de que havendo em Athenas hum moço de gentil presença mas pobre, e de huma familia escura elle se nemorou de huma moça mui formoza, e grande qualidade. Hum dia vindo se de mulher a seguio em companhia de outras damas de Athenas, que hião celebrar os mysterios de Ceres, e Cleuris. Mas succedeo que no caminho forão todas roubadas por huns piratas, que as conduzião a huma ilha dezerta onde deitando-se descuidadamente a dormir; Hymineo que era o nome do moço os matou. Voltou a Athenas, e na assembléa do povo relatou o successo, e prometteo de trazer todas as damas se lhe concedião o casar com aquel-

Pos ti deixa de lagrimas banhada
E tu sem ter piedade
De seus mimozos annos
Com esperanças vãs, doces enganos
Lhe roubas a innocente liberdade
E em dorada prisão fazes que viva
De esposa com o titulo captiva

*Coro das Fontes.*

Oh suave Hymineo os teus favores
Que cousa igualar póde? Tu a esposa
Com mil ancias, e sustos pertendida

---

la, a quem amava; o que os Athenienses não só lhe concederão, mas ordenárão que dalli por diante seria sempre invocado na celebridade de todos os desposorios. Os poetas o fizerão hum Deos, e huns filho de Apollo, e Caliope, outros de Venus, e Bacho: mas mais commummente de Urania. Costumão pintalo na figura de hum gentil mancebo de cabello loiro corôado de rozas, ou de mangerona com hum facho na mão direita, e na esquerda hum veo de côr amarela; as roupas, e os seguins da mesma côr que era particular das nupcias.

Ao terno espozo dás, e em paz ditoza
Sem fadiga lhe fazes, sem temores
Lograr os seus amores
Tu na pura prizão appetecida
De duas almas fórmas huma vida
Tu enches d'alegria
Tu augmentas a graça
A nova espoza, e fazes que renasça
Nos filhinhos gentis que em companhia
Viva da espoza que constante a adora
De espoza com o titulo senhora

*Coro dos Faunos.*

Qual em fresco jardim vermelha roza
De vigilante Ninfa cultivada
Para anastrar-lhe as trancas feliz cresce
A' branda luz do sol d'agua regada
Sempre mais bella, sempre mais cheirosa
Mas se mão cubiçoza
Lasciva a toca logo se entristece
Logo perde a belleza, e desfalece
Assim a moça bella
Na doce companhia
Das outras moças cheia de alegria
Cheia de graça he quando donzella
Mas depois que casou na prizão dura
Perde a alegria perde a formozura

*Coro dos Faunos.*

Qual de Idumea (2) a palma celebrada
Se em largo campo solitaria existe
Nem frescos ramos lança, nem florece
Antes sempre infecunda, sempre triste
Qual se do raio fosse já tocada
Murcha está, e mirrada
Mas se outra junto della brota, e cresce
Logo se alegra, logo reverdece
E erguendo aos Ceos a rama
As Ninfas, e os Pastores
A que cantem alli os seus amores

E

(2) Idumea he huma região da Azia, nos confins da Palestina, e da Arabia, Edom, ou Esau lhe deo o nome por estabelecer nella a sua assistencia. No principio do tempo dos Reis de Judá se incluia entre o paiz de Seir, e o mar morto, que a cercava pelo Oriente, e pelo Sul. Depois se estendérão seus habitantes pela Arabia Petrea, e pelo paiz que fica ao meio dia da Palestina, e pela Judéa meridional no tempo do cativeiro de Babilonia. Quando Strabon, Plinio, Jozefo, e Ptolomeu fallão de Idumea senão deve entender o paiz de Edom, ou a Idúmea, que dá o nome ao

Na ardente sesta com as sombras chama;
Deste modo a dama he triste em donzela,
Mas depois de casada alegre, e bella

*Coro das Tagides.*

Tristes de nós! da nossa companhia
Roubar querem a ninfa mais formoza
Que até aqui pizou nossas areas
E qual ao verde prado o lirio a rosa
De esmalte, e de coroa nos servia:
Quem de hoje em diante guia
Será em nossos bailes, e coreas?
Quem nos ensinará mas subtis teas
C' os fios d'oiro fino
A retratar os prados

---

mar roxo: mas a que comprehendia a Arabia Petrea. Strabon diz, que tendo-se excitado huma sedição entre seus moradores huma parte se estabeleceo nas comarcas meridionaes da Judea os quais conservarão o nome de Idumeos, e derão ás terras que occupárão o nome de Idumea os outros se unirão aos Ismaelitas, e forão chamados como elles Nabateos de Nabasah filho de Ismael, e o paiz que habitárão Nabathas. As palmas que produz este paiz de Edom são famozas.

De violas, e jacintos marchetados?
Ou quem com som raro, e peregrino
Entre nossas tarefas, e lavores
A' casta deosa cantará louvores?

*Coro dos Faunos.*

Oh nós felizes, que nesta espessura
Em breve tempo ledos esperamos
Ver dos Castros o ramo florecente
Em novos floreçer virentes ramos
O fado nos promette esta ventura
Tallassio (3) a assegura
Eis nasce o suspirado descendente
Eis já cresce em virtudes excelente



(3) Nume que os Poetas invocão em seus epitalamios Catul. in nuptias. Jul. et Manl. Alguns querem que seja o mesmo Hymeneo, e que os Romanos lhe dessem este nome por causa do lanificio que em Grego se chama ταλασιους, a que as mulheres Romanas só se obrigavão cazando conforme Plut. Outros pertendem que fosse hum certo Talassio a quem coube por sorte huma das Sabinas roubadas, e com quem viveo muitos annos em boa harmonia.

E os dois Tios (4) seguindo
Pela estrada da gloria
Eilo nas grandes azas da victoria
Ferozes inimigos destruindo (5)
Eilo com cem algemas prende a guerra
E a paz (6) ditoza faz tornar á terra.

*Coro das Tagides.*

Ah já te levão tristes que faremos
Vai em paz bella ninfa os Ceos te guiem
Horas seneras, horas venturozas
A teus dias as parcas sempre fiem
Nós á nossa ribeira tornaremos
Alli te formaremos

(4) O Illustrissimo, e Excellentissimo Diniz de Mello de Castro, 1.º Conde das Galveas; e o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello de Castro Ministros Secretarios d'Estado da Repartição dos Negocios Ultramarinos.

(5) Alusão ás grandes victorias do Illustrissimo, e Excellentissimo 1.º Conde das Galveas, tanto nas guerras da Acclamação, como na da grande alliança.

(6) Alusão á paz de Pariz, em que o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello foi hum dos Plenipotenciarios.

De roxos lirios, d' encarnadas rozas
Frescas capellas tristes, e saudozas
Os ramos de hum loureiro
Ornaremos com ellas
Subirão os seus ramos ás estrellas
As estrellas levando este letreiro
Arvore sou a Filis consagrada
De gado, nem pastor seja tocada.

*Coro dos Faunos.*

Vem ninfa, vem depressa onde te aguarda
Teu espozo que ha tanto por ti chama:
Ah não queiras mais tempo desdenhoza
Que aquelle coração que ancioso te ama
Se consuma em dezejos, e em vão arda
Ve ninfa que já tarda
A tua compaixão, entra animoza
Triste no parecer n'alma gostoza
Onde o leito doirado
De mil cheirozas flores
C' os prazeres, c' os jogos, c' os amores
Te tem a bella Juno recamado.
Ah entra não dilatem teus rigores
A esperança dos grandes successores.

*Faunos, e Tagides.*

Largos annos vivei, gentis espozos,
Em doce paz, em doce companhia:
Sempre abrando estem vossos ardores

Pura fé terno amor casta alegria
Torne Ilithia (7) em breve venturozos
Estes campos famozos
Nasção em breve os grandes successores
Que igualando em virtudes seus maiores
Fação sempre temido
O nome Luzitano
Que outra vez pague ao Tejo o Occeano
O antigo feudo, e seja conhecido
Desde o gellado Thale ao Nilo adusto
De Castro, e de Noronha o nome augusto

(7) Divindade que (segundo a fabula) preside aos partos, alguns pertendem que fosse Juno fundados na passagem de Terencio in And. act. 3. scen. 1.

Juno Lucina fer opem serva me obsecro.

Outros querem que fosse Diana, e tem por si as authoridades de Virg. na Eclog. 4. v. 10.

Casta fave Lucina: tuus jam regnat Apollo.

De Calim. in Hymn. in Dian. vers. 21. e de Orph. no hymno á mesma Diana. Homero porém no l. 11. v. 270. da Iliada falla de Ilithia como de muitas divindades, e as faz filhas de Juno no mesmo concetto diz o oraculo das Sibillas:

Posthac Ilithias placato puerperas hostiis. Mas os antigos quando fallavão pl

*Daf.* Qual em cerrado bosque a fonte fria
Ao cervo sequioso, e encalmado.
Tal me foi de teu canto a melodia;
Este copo de faia em que entalhado
Dessas vodas está todo o successo
Das frautas pastoris tão celebrado
Por premio, meu Dorilo, hoje te offereço
Ainda em folha está, e a escultura
Por ser do destro Alcandro não tem preço
E pois já escondeo a face pura
A branca lua, e em triste sombra grossa

---

este modo entendião por Ilithias as muitas Deosas que presidião aos partos, e neste sentido ora lhe chamavão Ilithias, ou Lucinas, ou Gentilidas. Mas dizendo simplesmente Ilithia entendião huma divindade filha de Juno, e irmã de Ebe, cujo officio era proteger as mulheres que parião, e a ella faziño as mesmas seus votos. Ella tinha em Roma hum templo no qual erão obrigados a pagar certa moeda quando nascião, e quando morrião: Instituição de Servio Dulio para todos os annos saber exactamente o numero do povo de Roma; nas medalhas, e antigas inscripções se lê o nome de Ilithias o qual traz a sua ethymologia de huma palavra grega que significa nascer.

Envolta nos deixou toda a espessura
Vamos a descançar na minha choça.

*O mesmo.*

---

# A MARIPOZA.

## METAMORFOZE.

Houve nos priscos tempos huma ninfa
Sem igual na belleza, e na esquivança
Maripôza seu nome, e seus costumes
Erão o desprezar de amor as chamas
Ainda que Hymineo em suas aras
Innocente a tornasse: disto alarde,
E disto se jactava a crua ninfa.
Hum dia, que no Templo de Diana
A' casta Deosa offerta em sacrificio
De brancas assucenas hum cestinho
Acaso alli a vio hum gentil moço,
E desde este momento não occupão
Seu terno coração mais que a belleza,
Mais que as graças da linda Maripôza.
Os dias sem repouso consumia
Ou vendo-a, ou vela procurando,
E as noites contemplando desvelado
De seu mimoso rosto nos encantos;

Ou se acaso dormia, a sua imagem
Em lindos vendo mentirozos sonhos.
Desta arte longo tempo o triste passa
Seu fogo alimentando na esperança
De poder ainda hum dia ser ditozo.
Mas oh quanto se engana! que esse monstro
Que amor os mortaes chamão, que tiranno
Por arte, e natureza se deleita
Dos tormentos que atura, quem o abriga
Dentro de seu coração fer ndo injusto
Seu peito com a seta de oiro fino,
O da Ninfa ferio com a de chumbo,
A inata esquivança acrescentando
O rancor, que nas almas ella gera.
Que excessos neste tempo o terno amante
Não obrou! que promessas, e que rogos
Não fez, e não jurou! que dons mimosos
Que lagrimas aos pés da ingrata ninfa
Não offertou constante; mas debalde,
Que a cruel Maripôza, endurecida
Seus rogos, e seus prantos escutava,
Qual ouvé bronca penha em brava costa
Roncar do irado mar as altas vagas
De sua infausta estrella conhecendo
Então o influxo em fim desesperado
Do poder amolgar da moça esquiva
O duro peito, mais que o aço duro:
Nas mãos de huma mortal melancolia
Lentamente se entrega: e pouco a pouco

Seus membros, e seu rosto que excedião
Na viveza da côr, as vivas cores
Da branca côr d'alfena, e das papoilas
Da côr se cobrem que os junquilhos cobre.
As carnes se lhe mirrão, e se encrespão;
Os olhos se lhe encovão, lentamente
Deste modo o infeliz se foi finando
Até que finalmente afflicto entrega
Nas mãos do fero amor a mesma vida
Sendo da Ninfa o nome a voz extrema
Que sahir se lhe ouvio da boca fria.
A' triste nova do fatal successo,
Que faria a tiranna? por ventura
De terna compaixão algumas mostras
Deo o seu coração, derão seus olhos?
Não; antes de cruel vaidade cheia
A gozar se dispoz c' os proprios olhos
Do lugubre trofeo, que amor alçava
A' sua formuzura, aos seus rigores
A ver pois do mancebo desditozo
A pompa funeral insana parte.
Mas Nemesis severa, que vigia
Dos mortaes as acções justas, e injustas
E que jámais sem pena, ou premio deixa
Merecimento, e culpa: a amor incita
Que cruesa tão fea em fim castigue,
Que as settas despedindo o peito fira
Da esquiva moça com a ponta d'oiro.
Já sobre a pira o feretro se via

Quando a Ninfa chegou, e ao pôr os olhos
No miserando corpo a derreter-se
A neve entrou, que o coração lhe géla,
Alguns surdos suspiros quasi á força
Do fundo de seu peito lhe rebentão,
Em vão quer suffocalos, que sua alma
Tardo arrependimento já occupa.
Quantas vezes então a dura ninfa
Comsigo mesma seu rigor detesta!
Quantas a propria vida dar deseja
Por tornar outra vez ás vitaes auras
O mesquinho que tanto maltratava:
Treme, soluça, e em mil varios afectos
Seu coração ondea; porém quando
A' pira se lançou o voraz fogo,
E a crescer principia a labareda
Quem poderá dizer qual sua angustia
Qual sua ancia foi? perdido o pejo,
E ás furias de hum amor desesperado
Toda entregue, de entorno á gran fogueira
Corre ululando em lugubres gemidos
De si, de amor, dos Ceos, e de seus fados;
Mas sem fruto se queixa: finalmente
Delirante, frenetica a lançar-se
Entre as chamas corria, mas Diana
Cujas aras a Ninfa frequentára
De seu grande furor compadecida
Desce do Olimpo, e a soccorrela vôa
Já quasi sobre a pira se lançava

Quando subitamente se lhe encolhem
Alçando-se da terra, os pés, e as pernas;
Os braços que no ar abertos leva
Para o corpo abraçar do caro amante
Encurtando se vão, e a antiga forma
N'hum momento perdendo, se lhe tornão
Em curtas leves azas: o seu rosto,
O seu formozo rosto aonde outr'ora
Os encantos moravão se lhe some
E mal perceber deixa os vivos olhos,
Mal a engraçada bocca. Em fim dest'arte
Em sutil borboleta ficou toda
N'hum ponto Maripôza transformada.
Borboleta, que o nome inda conserva
Entre muitos da izenta Maripôza
E que a antiga paixão inda nutrindo
As claras luzes gira, e alimentá
De abrazar-se nas chamas o dezejo.
Bellissima Marilia, que tiranna
Ouves os meus ais, e os meus ais despreras
De Maripôza, na funesta sorte.
Toma, insensivel Ninfa, toma exemplo.

*O mesmo.*

# O CAUHY.

## METAMORFOZE.

Junto das verdes margens que talhando
O Paraiba vai com suas aguas
Hum mancebo vivia o mais formozo
Entre os outros daquelles arredores
Em brandir com destreza o curvo arco
Caúhy era o seu nome, e as suas manhas
Seu valor, e seu brio de mil Ninfas
Erão doce atractivo; mas de todas
As que dentro em seu peito mais sentião
Lavrar este cuidado huma Itaubira
Por nome tinha, e a outra era Itauna
Erão ambas iguais na formozura
Ambas no amor iguais, iguais na idade.
Mas o frecheiro Deos que a seu capricho
Os que amão faz felizes, e infelizes
Quiz que Itaubira então fosse a ditoza
De seus olhos vibrando a setta ardente
Que de Cauhy ferio o ardente peito
D'hum, e d'outro os quebrados ternos olhos
De suas almas forão os primeiros
Interpetres subtis que declarárão
O vivo incendio em que ellas se abrasavão
Mas depois que a amor cedeo o pejo
E que ousárão fallar-se, que ternuras

Vós solitarios montes não lhe ouvistes
Entre trespasses mil, e mil carícias
Pelos raios do sol ambos jurárão
De se amarem fieis até á morte,
E á promessa fieis até á morte
Com o mesmo fervor ambos se amarão!
Dest'arte longo tempo venturozos
Em doce paz em doce amor viverão,
Até que o vil ciume cruelmente
Sua doce afeição perturbar veio
Quanto ó infame monstro mais ditosa
Sobre a terra não fôra a raça humana,
E quanto de envejar a feliz sorte
Dos que amão, e igualmente são amados
Se não foras na terra conhecido!
Junto das praias que elle fez famozas
N'huma escabroza furna, onde morada
A fria noite tem, se alverga o monstro;
A quem assoviando horrendamente
Em fêa confuzão ceruleas cobras
Guarnecem a cabeça, e no pescoço
E descarnados braços se lhe enroscão
E o triste coração estão roendo
Por entre as cegas carregadas sombras
Que a caverna qual denso fumo inundão,
Mal se distinguem sem cessar voando
Espantozas vizões, crueis cuidados:
De cem partes subir ao mesmo tempo
Tristes queixas se escutão, tristes prantos

E contra amor imprecações terriveis
Que as naturaes abobadas ferindo
Retumbão tristemente enchendo os peitos
De espanto, e de pavor: feras suspeitas
Vãos receios, falsas apparencias
E ás vezes vís traições, feios enganos
Os seus ministros são, suas espias
Por quem o quanto sobre a terra passa
Entre os amantes sabe, e por quem soube
A sincera união, a paz gostoza
Em que os dias passavão desfrutando
De hum reciproco amor todas as glorias
Itaubira, e Cauhy: então disposto
A turbar dos felizes o descanço
Hum dos duros ministros que o rodeão
Raivozo chama, e chamejando intima,
Que as azas despregando veloz parta
E da terna Itaubira o brando peito
Com huma fria cobra que impaciente
Arranca da cabeça o peito fira
Vôa a fera suspeita, e invizivel
O que o monstro lhe manda fiel cumpre
Itaubira que bem que desprezada
De seu peito lançar amor não póde
Escapar não deixava vigilante
Huma só occasião de apresentar-se
Sempre louca do amado moço aos olhos;
E posto que Cauhy como quem tinha
A' formoza Itaubira a alma entregue

E com ella as potencias, e sentidos
Em tal não atentava: a Ninfa bella
A quem o coração ferido havia
A barbara suspeita estimulada
Pelo excesso que observa em Itauna
Começou a temer dentro em seu peito
Da rival a beleza, e do mancebo
Posto que sem motivo a inconstancia,
E desde este momento principia,
Ah funesto momento! as acções todas
De Cauhy a espiar atentamente
Hum dia pois que o descuidado moço
Na selva a cassar foi, como sohia
Ella por entre o matto o foi seguindo;
Cauhy depois de haver veloz cansado
As mais ligeiras feras na carreira
Com seu sangue manchando ervas, e flores
Do calor, e do excesso fatigado
A respirar hum pouco se retira
N'huma sombria lapa que se esconde
No mais denso da selva onde rebenta
Com suave murmurio murmurando
Hum grande jorro d'agua cristalina.
Itaubira que o doce amante vira
Embrenhar-se na selva; dentro n'alma
Crescer sente a suspeita que lhe finge
Que Itaúna a Cauhy alli aguarda;
E para ver se he certo o que receia
Para aquelle lugar dirige os passos...

A sua turbação sua impaciencia
A pressa com que corre lhe não deixão
No ruido attender de que era causa
Movendo impetuoza as vastas ramas
Da intrincada floresta. Neste tempo
O mesquinho Cauhy alborotado
Do subito rumor, e presumindo
Que delle origem era alguma fera
Das armas lança mão, ah cego moço!
Quanto melhor te fora se essas settas
Nunca houvesses tão destro arremesado!
Mas quem póde fugir do seu destino!
Toma o arco Cauhy, e nelle a setta
Promptamente embebendo o tiro aponta
Veloz a setta vôa, e em continente
Os ouvidos lhe fere hum ai piedozo
Que de Itaubira ser se lhe figura
Então largando as settas prompto corre
Ao lugar donde a triste voz sahira:
Qual seu espanto foi? quando passada
Da desestrada flexa a Ninfa encontra
Sobre a terra jazia rociando
As arvores, e flores que a rodeão
De seu sangue co' as roxas espadanas
Entre crebros soluços exalando
Da triste vida os ultimos bocejos
Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto
E a Ninfa á força abrindo os turvos olhos
Que da morte a pezada mão cerrava

Por hum pequeno espaço nelle os fita,
E a cerrados eternamente volve;
Coado frio, e qual Marpezia caute
Fica immovel Cauhy por algum tempo
Mas tornando em si desesperado
Corre a arrancar do peito de Itaubira
A despiedora flexa porque acabe
Com ella o coração atravessando
Junto da amada Ninfa a amarga vida
Mas ao tirala vio coisa espantosa!
Que o sangue que do peito lhe corria
Em cristallino humor se transformava
Vio que a pallida Ninfa pouco a pouco
Se hia derretendo, e em claro arroio
Toda se converria. Então absorto
Primeiro que de todo o lindo corpo
A antiga forma perca, a abraçallo
Pela ultima vez chorando corre
Mas já entre os seus braços não aperta
Mais que o cristal, que entre elles escorrega
Então em pé se alçou, e reflectindo
Que dos Deoses era obra este portento
Aos Deoses roga que jámais permitão
Que do amado cristal elle se aparte
Annuirão os Numes aos seus votos
Pois os ligeiros pés subitamente
A' terra se lhe pegão, e na terra
Profundamente se lhe vão cravando
Em torcidas raizes convertidos.

Os braços se lhe estendem, e se mudão
Em retorcidos ramos, que de folhas
Em ramos vestem suas mãos tornadas
Os cabellos se erição, e em vergonteas
Da mesma folha ornados se convertem.
Aspera cortiça lhe envolveo o corpo
E de Itaubira ao repetir o nome
A bocca se tapou, e a lingua trava
Desta sorte Cauhy ficou tornado
Em arvore frondoza, que ind'agora
Conserva de Cauhy o antigo nome.
E sobre a nova forma inda parece
Que da antiga paixão se não esquece
Pois se apar d'agua brota, sobre a mesma
Como para abraçala os ramos curva
Tu, o caro Botelho, que soltando
A' fantasia as azas vivamente
Com o sutil pincel imitar sabes
Da bella Natureza as varias obras
Tu póde se te apraz com mais viveza
Tecer em rico quadro a triste historia
Eterno assim faremos nosso nome
Tu com as tintas postisando aos olhos
Eu pintando aos ouvidos c'os palavras
Tu com os teus pincéis, eu c'os meus versos.

*O mesmo.*

# O CRISTAL, E O TOPASIO.

## METAMORFOZE.

INda no seio da espumosa Thetis
A's atrevidas prôas se occultava
Da madre terra a quarta parte nova,
Quando em seus campos graciosa Ninfa,
Seguindo as feras, fatigava os bosques
Cristalia era o seu nome, e a mais formosa
Que até hoje pizou o novo mundo;
Mais alvos do que a neve que nos Alpes
Congela o frio vento erão seus membros
Nas lindas faces, na engraçada bocca
Dos cravos, e das rozas a cor viva
Dos olhos doce encanto lhe brilhava,
E sobre o collo de alabastro fino
Em crespos fios d'oiro lhe ondeava
O comprido cabello solto ao vento.
Amor travesso, que em seus olhos mora,
Tão vivas chamas delles despedia
Que nellas sem allivio se abrazavão
Os tristes corações de mil amantes.
Em fim era Cristalia tão formoza
Que inveja a Mãi de Amor fazer podia
Hum dia, que de agudo dardo armada
Com seus cães denodada perseguia
Hum mosqueado tigre na floresta

A vio passar hum rustico Silvano,
Quanto melhor lhe fora se a não vira!
Que habitava o horror daquelles matos;
Topasio se chamava, e era tido
Entre os silvestres Deoses do contorno
Pelo mais sabio em grande acatamento
Vio-a, vela, e adorala foi o mesmo
Desde este ponto o triste hum só instante
Não deixou de seguir suas pizadas
Em vão tentou com lagrimas, e rogos
Em vão com tristes dons mover o peito
Da dura Ninfa mais que os montes dura.
Em bravissima costa bronca penha
Tão firme não resiste ás densas vagas
Do mar, que em flor rebenta em suas abas
Como a fragueira Ninfa rezistia
A's tristes magoas ao continuo pranto
Do importuno Topasio. Quantas vezes
Dos mortaes invejou o triste a sorte!
Dezejando acabar a infeliz vida
Mas a lei dura pelo fado escripta
Em rigido diamante lhe embargava
Este misero allivio: Quantas vezes
Ao Amor se queixou da ingrata Ninfa!
Mas o travesso Deos que por deleite
Os corações amantes atormenta
Que de pranto, e de sangue senão farta
Outras tantas se rio de suas queixas
Desesperado em fim de achar remedio

Tal fica a bella Ninfa. Largo espaço
Espantado do subito prodigio
Immovel fica o misero Topasio
Mas logo que em si torna sobre o collo
Do adorado Cristal se precipita
Com terno pranto o rega, e ardentes bejos
Na fria pedra suspirando imprime
Logo em crueis imprecações horrendas
Se volve contra amor; d'hum tigre hircano
De huma Marpezia rocha filho o chama
O seu arco detesta, e as suas flexas
Depois ao Ceo se torna, e em seus delirios
De quando em quando repetir se ouvia
Com ternas vozes de Cristalia o nome
Em fim taes coisas fez, taes coisas disse
Que os Deozes lastimados dos seus males
A dar-lhe algum remedio se moverão.
Louco sem tino á pedra se voltava,
E os pés endurecidos se lhe travão:
Os braços a abraçalla aflicto estende
E os braços estendidos se endurecem:
Frio gelo lhe corre pelas veias,
E o sangue pouco, e pouco se coalha
Cristalia quer chamar, e a fria lingua
Dobrar não póde. Em fim desta maneira
Ficou tambem o misero Topasio
Todo em pedra tornado que inda guarda
Na cor a palides do aflicto rosto.
E junto de hum penedo outro penedo

Graciozissimo Silvio tu que habitas
Os ricos campos que piárão vivos
A bella Ninfa, e o desgraçado amante
Onde ainda depois de tantos annos
Em finas pedras convertidos brotão:
Se do pobre Muzeo do teu Epino
Inda cuidado tens: ah tu com ellas
Cuida, amigo, tambem de enriquecelo
Que as Ninfas do Permésso que mil vezes
De entrar em meu alvergue se não pejão
Ao som da minha lira decantando-o
Levárão ás estrellas o teu nome

*O mesmo.*

---

# AULIZA

## ERGASTO, E DAMETA.

JUnto das frescas margens do mondego
Hum oiteiro graciozo se levanta,
Que de hum manso ribeiro rodeado
Tão coberto de flores tão viçoso
Em todo o tempo está que de florido
O nome lhe puzerão que inda dura.

Do seu valle os antigos guardadores
Neste agradavel sitio retirado
De ovelhas hum pacifico rebanho
Guardava o pobre Ergasto em companhia
De Menalca Dameta, e outros pastores
Que alli tambem traziáo o seu gado
Depois do infausto, e misero successo,
Que as aldeas do Tejo destruira
Huma tarde já quando a activa força
Dos seus raios o sol hia perdendo
E a branda viração do fresco vento
Por entre os verdes ramos assoprando
A descanço, e recreio convidava
Os pastores mais sabios da montanha
Para Ergasto Dameta assim dizia:
*Dam.* Agora que o calor do sol se abranda,
Ergasto doce amigo, e companhia
E as leves avesinhas á porfia
Penduradas dos rusticos raminhos
Com sua varia musica acompanhão
O lento murmurar deste ribeiro
Em quanto Anfrizo toca a branda lira
Canta os suaves versos que escreveste
Na morte desestrada, e duro caso
Da pastora gentil que tanto amaste
*Erg.* Como queres, Dameta, que hoje cante
Esses saudozos versos que entalhados
No penhasco da fonte por lembrança
Deixei quando do Tejo me partia,

Se a renovar a funebre memoria
Desse caso infeliz todo me cubro
De hum frio gelo, e sobre os olhos tristes
Huma nuve n confusa se me e palha
Tornando o dia claro em noite escura
A lingua se me prende na garganta
E até se me congela a voz no peito
*Dam.* Deixa, amado pastor, essas escusas
E pois vês que entre as flores se reclina
Da saborosa relva o gado farto
Canta que tudo ao canto te convida
Olha como depressa se callárão
Os doces rouxinóes, e até o vento
Já por entre as florestas não respira
Vê como corre o rio socegado
Cuido que por ouvir tua harmonia
As cristalinas aguas vai detendo
Ouve do nosso Anfrizo a branda lira,
E repara que terna, e que suave
A saudosas cantigas te provoca:
Canta agora pastor assim teu gado
Nunca seja dos lobos offendido
*Erg.* Aos olhos quem dará lagrimas tantas,
Quem a meu coração tantos suspiros
Que cheguem a igualar as ancias minhas
Morta he Auliza a luz destes meus olhos
Gloria desta ribeira, honra do Tejo
Auliza gentil unica esperança
De minha amarga vida ai dura sorte!

Ai estrelas crueis! morte tiranna!
Porque antes contra mim vos não unistes
Porque a cançada vida me deixastes!
Ai Ergasto infeliz a tua gloria
Mais ligeira voou que hum sonho leve
Oh morte descarnada acerba, e feia
Como diz, tiranna, nos levaste
A mais gentil pastora destes campos?
Chorão a sua morte enternecidas
As indomaveis feras destes matos
E até os mesmos montes insensiveis
Cuido que a tanto estrago se enternecem
Pois nunca mais de reiva se cobrião
Nem de cheirosas flores se esmaltárão
Do rio as claras aguas correm turvas
E o sol só d'entre as nuvens apparece
Indicio tudo dá de sentimento
E tu inexoravel sem piedade
Da belleza maior que vio o Tejo
Quando tal golpe menos receava
Da breve vida o fio lhe cortaste
Não corta o cegador a nova espiga
Sem que o trigo elle veja sazonado
Nem no fresco pomar o culter destro
Verdes colhe do ramo as doces fruras.
Tu só cruel da minha amada Aulira
Em tenra flor a vida lhe arrancaste
Agora me figura a fantasia
Aulira vida minha que te vejo

Palida a cor de negro sangue tinto
O bello rosto a luz serena, e clara
De teus olhos gentis amortecida
Sem graça a linda bocca emaranhadas
As doiradas madeixas dos cabellos
Na ensanguentada terra reclinada
Qual fica pelo campo o roxo lirio
Que do agreste serrano foi pizado.
N'outra parte tambem se me figura
Que vejo pelo bosque andar errando
As pastoras gentis da nossa aldea
Com seu pranto banhando a dura terra
E o monte enchendo de saudozos gritos
Ah lembranças crueis ah imagens tristes
Oh doces esperanças já perdidas
Como se eu vos perdi sou inda vivo?
Quem me dissera quando neste prado
Te via andar colhendo as varias flores
De Cinthia, e Dinamene acompanhada
Que já tão perto estava o triste dia?
No qual a dura parca te levasse
Diante os olhos meus, meus olhos tristes,
Que prodigios não vio esta espessura
Esse terrivel dia em que os teus olhos
Em sempiterno somno se cerrarão
Depois do sol nascer nocturnas aves
Vião se o ar cruzar, enchendo o campo
De tristeza, e de horror com seus accentos;
As vides que nos troncos dos olmeiros

E entre o estrondo das ramas só se ouvião
Lá ao longe soar de quando em quando
Do voraz lobo os espantozos urros
O velho, e branco Tejo enternecido
Deixou na fria lapa o verde leito
E a cróa depondo de espadanas
Rompendo com furor as subtis roupas
Com o continuo pranto de seus olhos
As agoas augmentou da perenne urna
De sorte que crescendo a mesma veia
Os muros dos apriscos se perderão:
As Tagides gentis desamparando
As telas d'oiro fino que lavravão
Os doirados cabellos que sem ordem
Sobre os chorozos olhos lhes pendião
Obrigadas da dor, e sentimento
Arrancárão furiozas sem piedade
E com seus tristes prantos, e altos gritos
As mais altas montanhas abalárão
Ai sorte desastrada, ai caso triste
Por ti continuamente estou chamando
A dura morte com copioso pranto
Capaz de enternecer a dura morte
Oh se acaso podessem do destino
As dadivas mudar a lei eterna
Com que alegria, e gosto doce Auliza
Daria a minha chossa, e o meu rebanho
E se inda fosse pouco a propria vida
Com tenaz ancia ha tanto se enredavão

De repente estalárão; as ovelhas
Descontentes as selvas não gostárão
E os valentes rafeiros nos apriscos
Com incessantes huivos, e latidos
Enchêrão de terror os guardadores
Em todo o triste dia na floresta
O canto não soou de huma só ave
Só porque outra vez teus lindos olhos
Tornassem a lograr do sol as luzes.
Tu e as destes campos a alegria
Se levavas ao rio as tuas adens
As aguas mais sereias se mostravão
As margens mais floridas parecião
Ouvia-se soar por toda a parte
O teu nome no canto dos pastores
E do ecco lá nas grutas repetido
Se ficavas n'aldeia, no terreiro
Na batra, lua, e baile se empregavão
Os pastores mais destros, e mais sabios
Que pastora creou nossa ribeira
Por mais bella que fosse, e mais gabada
Que podesse comtigo emparelhar-se
Quem levou dos serranos mais louvores
Quem nos folgares teve a primazia?
Se sahias ao baile com destreza
Até os mesmos ventos suspendias
Se acaso ao doce canto a voz soltavas
Tinhão os cantos teus mais suavidade.
Que o brando murmurar d'hum riacho

Que d'hum bronco rochedo se derpenha.
Não dá tanta belleza ao verde prado
Entre a viçosa murta a branca roza,
A' branca roza o cristallino orvalho
Que está o puro aljofar imitando,
Nem a roxa papoila ao verde trigo
Quanta davas', pastora, á nossa aldea
Depois que nos deixaste inutilmente
Consome o lavrador o duro arado
Que em vez de proveitosa, e loira espiga
Só de esteril avea o campo abunda
Só nascem pelo monte, e pelos vales
O aspero cardo a rustica alcachofra
Os largos campos que abundantes davão
Aos nossos gados saboroso pasto
Agora só se vem todos cobertos
De agudas rochas de intratavel mato
Todas estas ribeiras, bella Auliza,
A tua falta enternecidas sentem;
E saudosos de tua companhia
O fresco rio, os alamos sombrios
Por ti continuamente estão clamando
Auliza o bosque, Auliza o monte chama.
O' tres veres, e mais infeliz dia!
Dia de confuzão, dia de espanto
Nunca por mais que o sol augmente os giros
Te alegre de seus raios a luz pura
Antes de trevas, e de horror coberto
Sempre aziago, sempre triste sejas

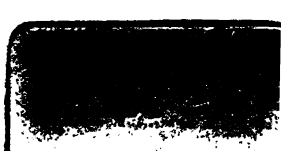
Que eu te fico que em quanto o nosso Tejo
Buscar as claras aguas do Oceano
Sejas occasião de pranto, e magoa
A todos os pastores de seu campo
O' Auliza infeliz! o' minha Auliza
Como nesa partida te esqueceste
Daquella tão suave, e pura chama
Que em nossos corações ha tanto ardia
Como, ninfa, deixaste em tantas penas
Ao teu Ergasto, Ergasto que algum dia
Nunca da tua vista se apartava.
Mas oh que o puro amor de que os teus olhos
Tão innocentes mostras já me derão
Ao triste coração está dizendo
Que tu, se a lei suprema o consentisse,
Desta vida sem mim não te apartáras.
Ai amada pastora, já meus olhos
Dos teus não hão de ver a luz formoza
Não hão de ver, oh Ceos, e inda sou vivo!
E inda respiro! ainda os tristes campos
Do verde-negro Tejo, onde outro tempo
Tantas vezes a vi posso estar vendo
Não, não outras campinas, outro rio
Outro gado, outras gentes, outro aprisco
Buscarei, e talvez que na distancia
Se a vida não perder perca a memoria.
Campos do Tejo, venturosos campos
Em quanto a bella Auliza em vós vivia
Adeos, adeos sombrios arvoredos

Funebres valles, asperos oiteiros
Nunca mais ouvireis ao vosso Ergasto
Nesta fresca ribeira ao som da fria
Docemente cantar vossos louvores
Adeos, adeos pastores, e pasto as
E tu pobre manada que algum dia
Com tua vista os olhos me alegravas
Procura outro pastor mais venturozo
Que dos vorazes lobos te defenda (nha
Que eu me ausento a morrer em terra estra-
Adeos, ficai sem mim eternamente
Mas a que parte os já cançados passos
Moverei onde sempre me não siga
A triste imagem do funesto caso!
O cervo que no lado leva a seta
Por mais que a fonte corra, ou corra a serra
Ou o dilatado bosque na floresta
Mal pode mitigar a dor que sente
Pastores pegureiros des es campos
E vós ninfas gentis do claro Tejo
Se algum dia de Auliza a companhia
Agradavel vos foi nesta ribeira
Debaixo d altos teixos, e ciprestes
Hum tumulo lhe erguei, e á roda delle
Plantai ninfas, plantai mimosas flores
Amaranthos, jacintos, e violas
E na pedra que o cubra por memoria
Com a foice lavrai este letreiro
Que suspenda o curioso passageiro

« Auliza a mais formoza guardadora ;
» Que o claro Tejo vio , e nos seus campos
» Hum formozo rebanho apascentava ,
» Antes de tempo morta aqui se esconde.
E tu esp'rito puro alma innocente ,
Que qual candida pomba ao Ceo voaste
Se nesse feliz campo aonde assistes
Deste campo a lembrança não perdeste
Não a percas tambem do teu Ergasto
Até que da prizão em que se encerra
O meu cançado esp'rito livre vôe
A gozar de tua alegre companhia
Se he que posso esperar tão ledo dia
*Dam.* Com que graça , Pastor com que ter-
Esses sentidos versos modulaste ! (nura
Com tanta suavidade se não queixa
Do seu doce parceiro a rola ausente
Olha como esses freixos inclinárão
Para ouvir tua voz seus altos ramos
E como ecco gostosa de teu canto
Da outra parte do rio se deleita
Em estar seus accentos repetindo
Ah amado pastor se não te he grave
Solta outra vez a voz ao doce canto
Que as ninfas do Mondego levantando
As mugozas cabeças fóra d'agua
Suspensas vejo estar para te ouvirem
E os Faunos entre os ramos do arvoredo
Co' as agudas oreihas applicadas

Estão por tua musica esperando.
*Erg.* Não gracioso Dameta, não me obrigues
A que outra vez repita o triste canto
Já bastante os meus olhos tem chorado
Bem vês que o sol detraz dos altos montes
Tem já seus claros raios estendido
E que da fresca relva o gado farto
Pelos proprios curraes está balando
Tratemos de levalo para o aprisco
E se o violento mal que me atormenta
Permitir á minha alma algum repouso
Tu me ouvirás cantar tão docemente
Em estilo tão novo que eu te fico
Que no Tejo, Mondego, Minho, e Douro
Seja sempre o meu nome celebrado.

O *mesmo.*

FIM DO TOMO III.

FEB 2 5 1948